

HISTÓRIAS DA
ERA AQUARIANA
para
CRIANÇAS



FRATERNIDADE ROSACRUZ

VOL. V

HISTÓRIAS DA ERA AQUARIANA PARA CRIANÇAS

Volume 5

Compilado por um Estudante da

The Rosicrucian Fellowship

Centro Rosacruz de Campinas – SP – Brasil
Avenida Francisco Glicério, 1326 – conj. 82
Centro – 13012-100 – Campinas – SP – Brasil

Revisado de acordo com:

1ª Edição em Inglês, 1951, *Aquarian Age Stories for Children*,
editada por The Rosicrucian Fellowship

1ª Edição em Português, 1990, *Histórias da Era Aquariana para
Crianças*, editada por The Rosicrucian Fellowship

Pelos Irmãos e Irmãs da Fraternidade Rosacruz – Centro
Rosacruz de Campinas – SP – Brasil

www.fraternidaderosacruz.com
contato@fraternidaderosacruz.com
fraternidade@fraternidaderosacruz.com

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	7
A RAINHA DOS BONS PENSAMENTOS	8
PALAVRA-CHAVE: Consideração.....	8
A LUZ BRILHANTE	13
PALAVRA-CHAVE: Lealdade.....	13
O CRISTO MENINO	17
PALAVRA-CHAVE: Abnegação.....	17
O MONARCA DA FLORESTA	20
PALAVRA-CHAVE: Cooperação	20
A SURPRESA	24
PALAVRA-CHAVE: Amizade.....	24
A SOMBRA DE SIBILA	27
PALAVRA-CHAVE: Harmonia	27
ROSÁLIA E O RAIOS DE SOL	30
PALAVRA-CHAVE: Sensibilidade.....	30
A BELEZA DOURADA	33
PALAVRA-CHAVE: Misticismo.....	33
FRANCISCO	35
PALAVRA-CHAVE: Compaixão	35
A PEQUENA “EU TAMBÉM	38
PALAVRA-CHAVE: Iniciativa	38

O CORAJOSO LAURO	41
PALAVRA-CHAVE: Coragem.....	41
A NINFA DAS ÁGUAS	44
PALAVRA-CHAVE: Ação.....	44
TOMÁS PRESTATIVO	47
PALAVRA-CHAVE: Atração.....	47
RAIO DE SOL DOURADO E PEDRO ESPINHUDO	50
PALAVRA-CHAVE: Beleza	50
O TÔNICO DO GAFANHOTO	53
PALAVRA-CHAVE: Estabilidade.....	53
OS GÊMEOS	57
PALAVRA-CHAVE: Razão	57
BENNIE, O CACHORRINHO	60
PALAVRA-CHAVE: Proporção	60
A CORRENTE DAS ROSAS BRANCAS	62
PINTADINHA	63
PALAVRA-CHAVE: Amor ao Lar	63
OS NOVOS PINTINHOS	66
PALAVRA-CHAVE: Amor Materno	66
BENJAMIN	70
PALAVRA-CHAVE: Paciência	70
CUFFEE	73

PALAVRA-CHAVE: Afeição.....	73
CUFFEE E PORQUINHO NANICO.....	77
PALAVRA-CHAVE: Generosidade.....	77
COMPANHEIROS DE BRINCADEIRAS	80
PALAVRA-CHAVE: Lealdade.....	80
SENHORITA CARANGUEJO E O BESOURO MARINHO.....	82
PALAVRA-CHAVE: Discriminação	82
A ROSA BRANCA	87
PALAVRA-CHAVE: Pureza	87
GERDA E DERBI.....	90
PALAVRA-CHAVE: Serviço	90
OS PINTARROXOS E O ABETO – PARTE I.....	94
OS PINTARROXOS E O ABETO – PARTE II.....	97
PALAVRA-CHAVE: Compartilhar	97
OS PINTARROXOS E O ABETO – PARTE III.....	100
PALAVRA-CHAVE: Equilíbrio	100
O PIÃO CANTANTE	102
PALAVRA-CHAVE: Energia.....	102
O MENINO QUE ESQUECIA	105
PALAVRA-CHAVE: Forças Secretas	105
A FAÍSCA INSATISFEITA	109
O MENINO LAURO	111

PALAVRA-CHAVE: Oportunidade.....	111
O AMADO	114
PALAVRA-CHAVE: Benevolência.....	114
A LINDA DEUSA	117
PALAVARA CHAVE: Aspiração.....	117

AGRADECIMENTOS

Estamos gratos a muitos amigos por estas histórias tiradas dos livros originais da Escola Dominical e que tanto têm alegrado os corações das crianças que frequentam nosso Centro da Escola Dominical por muitos anos.

O Volume V da nossa série de HISTÓRIAS DA ERA AQUARIANA PARA CRIANÇAS proporciona matéria adicional de leitura, de elevado caráter moral, para crianças que nunca as leram. Estão especialmente adaptadas para serem usadas nas classes primárias, nas nossas novas séries de Lições para a Escola Dominical.

A RAINHA DOS BONS PENSAMENTOS

PALAVRA-CHAVE: Consideração

Se você tem um pensamento agradável, cante, cante-o; entoava um alegre grupo de crianças envoltas numa leve brisa de verão. Era um dia glorioso; toda a Natureza parecia florir feliz e cheia de vida. As crianças tinham acabado de cantar e estavam sentadas em um círculo, embaixo de uma bela árvore, cujos ramos as abrigavam do sol brilhante.

Um dos meninos do grupo, chamado Décio, disse:

- Alguém aqui sabe alguma coisa sobre pensamentos? Meu avô, que é um homem muito inteligente e sabe tudo, ensinou-me um versinho outro dia.

- Recite-o para nós - gritaram as crianças.

- Bem, é assim:

“Acredito que os pensamentos sejam coisas,

Que de corpos, respiração e asas são dotadas.

Nós os enviamos longe para encher o mundo,

Com bons ou maus resultados”.

- Isso é tudo? – perguntou uma das crianças.

- Hum.. soa-me estranho - exclamou outra.

- Que significa dotado?

- Corpos, respiração e asas nós os enviamos longe - disse ainda outra criança - Estou certa que não entendi nada! Soa como se os pensamentos fossem pássaros, borboletas ou alguma coisa semelhante. Bem, Décio, diga-nos o que isso significa.

- Mas eu não posso dizer e é por isso que perguntei a vocês se sabiam alguma coisa - disse Décio.

- Por que não procuramos alguém mais velho que realmente saiba? – disse uma das crianças.

- Conheço alguém que pode nos dizer, se eu puder encontrá-lo - disse Décio.

- Quem? – perguntou um do grupo.

- Ninguém que você conheça! – respondeu Décio - Ele é um homenzinho singular, um amigo meu.

- Vamos vê-lo- disseram todos juntos.

- Não sei onde ele mora - disse Décio - mas se dermos um passeio pelo jardim, talvez encontremos o Vovô, a Mamãe ou alguém que saiba.

As crianças alegremente passearam pelo jardim. De repente, Décio ouviu uma risadinha engraçada e, exatamente no canteiro de amor perfeito estava seu amigo duende, Elf-kin.

- Oi, Décio, quais as novidades? – disse Elf-kin- Procurando lagartos?

- Não - disse Décio - nós estamos procurando saber mais sobre pensamentos.

- Bem - disse o duende - se você puder esperar até que os meus ajudantes voltem para casa, eu os levarei até uma sábia Fada, que conhece tudo sobre pensamentos.

Assim, Elf-kin chamou seu assistente Do-kin e disse:

- Vocês podem parar por hoje, juntem suas tintas e chamem os gafanhotos.

Depois que todos os pequeninos pintores de flores estavam prontos, montaram nas costas dos gafanhotos e foram pra casa, Elf-kin ficou livre.

Confortavelmente sentado no ombro de Décio, Elf-kin guiou as crianças surpreendidas para outra parte do terreno. Lá havia um pequeno vale quieto e cheio de paz. Elf-kin disse:

- Agora vocês devem ficar bem quietos, pois os duendes são muito tímidos e não gostam de intrusos barulhentos entrando em seu vale. Mas, se respeitarem seus sentimentos, tudo sairá bem. Fiquem aqui bem quietinhos, por favor, até que eu volte.

Então, ele desapareceu.

Em pouco tempo, ele voltou com dois atraentes duendes. Um deles chamava-se Coração-Bondoso. Ele se parecia um pouco com Elf-kin, só que era mais alto e vestia um bonito casaco verde e um gorro vermelho que terminava em bico. A outra era um duende moça e seu nome era Pensamentos-Secretos. Ela era atraente, mas muito tímida, não estava acostumada a ser vista em público. Eles inclinaram-se graciosamente e disseram:

- Venham por aqui, por favor. A Rainha dos Bons Pensamentos os receberá.

Era um grupo feliz, risonho, que seguiu os duendes. Vocês podem imaginar a surpresa e alegria que as crianças sentiram ao contemplar a Rainha dos Bons Pensamentos. Ela era a criatura mais bela que se possa imaginar. Seus cabelos eram dourados como os raios de sol e os olhos brilhantes como as estrelas. As crianças curvaram-se profundamente diante dela e foram, então, apresentadas à corte. Os súditos tinham nomes tão bonitos: Alegria, Felicidade, Bondade, Amor, Generosidade e, por fim, o mais querido de todos, Altruísmo.

Depois das apresentações, a Rainha pediu às crianças que se sentassem a sua frente e de sua corte. Elas o fizeram de bom grado. Então, a Rainha começou a falar. Sua voz soava como música, tão macia, ondulante e cheia de amor.

Primeiro, ela pediu a Décio que recitasse o versinho que fizera para ela, e ele o fez com prazer.

Depois, ela disse:

- Então, todos vocês querem saber sobre pensamentos?

- Sim - responderam, cortesmente – Por favor, falemos sobre pensamentos.

- Pensamentos são coisas vivas que emitimos de nossas Mentes para outras pessoas - disse a Rainha – Quando nós enviamos aos outros pensamentos de alegria, felicidade, conforto e altruísmo e quando agimos da mesma maneira para com eles, chamamos isto de *consideração*. Devemos vigiar nossos pensamentos cuidadosamente para que eles sejam sempre bons. Algumas vezes, pensamentos maus e egoístas tentam invadir nossas Mentes e nossos Corações, mas não devemos permitir que eles aí permaneçam. Devemos dizer: “Saíam, pensamentos maus” e fechar bem firme a porta de nossa Mente. Para que vocês entendam claramente o significado de *consideração*, vamos dar um exemplo. Décio ama sua mãe profundamente e seu coração está tão cheio de pensamentos de amor, que ele é muito bom para ela e tenta fazer as coisas que a agradam. Isso é *consideração* e, pela *consideração*, ele torna sua mãe feliz. Vocês veem, é como jogar um bonito jogo. Quando tentamos ter *consideração* pelos outros, nossos pensamentos felizes crescem tão rapidamente que temos que dividi-los com nossos amigos. Meus súditos, que vocês acabaram de conhecer, através de sua *consideração* dão-me alegria, felicidade, bondade e amor, exatamente como seus lindos nomes. E vocês verão como eles todos são bonitos. Pensamentos ajudam a construir nosso caráter e se temos um belo caráter, todos nos amarão. E este é o desejo de Deus para nós, queridas crianças, que amemos todas as pessoas e que todas as pessoas possam nos amar, pois Deus é Amor, e Seu grande amor nos envolve o tempo todo. Somos todos como belas flores crescendo no grande Jardim do Amor de Deus, o mundo.

Há um pequenino pensamento mau que está sempre tentando morar no coração das crianças e isso é egoísmo, continuou a Rainha. Ali não é o seu lugar e eu vou contar-lhes o grande segredo de como mantê-lo afastado. Se vocês quiserem partilhar constantemente suas alegrias e felicidade com os outros, vocês terão tanta *consideração* por eles que o egoísmo nunca poderá entrar no coração de vocês. Agora, queridas crianças voltem depressa para casa, pois está ficando tarde, disse a Rainha.

Ela agitou sua varinha mágica sobre eles e eles se viram novamente no jardim.
Mas, jamais se esqueceram do que ela lhes contara sobre *consideração*.



A LUZ BRILHANTE

PALAVRA-CHAVE: Lealdade

As suaves brisas de verão acariciavam docemente as folhas das árvores e o brilho do luar tornava tudo atraente e fascinante. Décio e Rosália tiveram um dia tão feliz com o avô, no bosque que ficava na encosta da montanha, que voltaram para casa um pouco relutantes, pois queriam ficar ao ar livre, que era tão gostoso. Desejaram boa noite ao vovô e partiram. Quando Décio deitou-se na sua cama confortável, pareceu-lhe estar ainda ao ar livre, o que era muito agradável. Estava cansado e com sono, mas cheio de lembranças de um dia feliz. O avô era tão sábio – um homem maravilhoso! Ele parecia que sabia tudo. Tinha contado às crianças histórias muito bonitas sobre valentes cavaleiros, príncipes leais, princesas bondosas e nobres rainhas.

Décio, imerso nessas histórias fascinantes, pareceu ouvir de repente uma voz. Que era aquilo? Tinha a certeza de que ouvira seu nome ser chamado: “Décio! Oh, Décio!”.

Levantou-se rapidamente e seguiu a voz através de um caminho acidentado na montanha, curvando-se por entre árvores lindas e enormes, o chão estava coberto por vegetação delicada, onde duendes e gnomos podiam brincar. Oh, como tudo aquilo era lindo à luz do luar! Ouviu novamente a voz e assim ele andou mais depressa.

A montanha parecia mais bonita à noite do que durante o dia. Ele parou para olhar a lua e as estrelas. Ia justamente sentar-se no toco de uma árvore, quando pensou ter visto um gnomo entrando nesse mesmo toco. Então, ouviu seu nome ser chamado outra vez. Olhou tudo ao seu redor e não viu ninguém. No entanto, para sua surpresa, viu uma cabaninha bem no topo da montanha. Deve haver lá alguém chamando por mim, ele pensou. Mas ele nunca vira aquela cabana antes, embora muitas vezes já a tivesse escalado com seu pai.

- Há uma brilhante luz na cabana, então alguém deve morar lá, ele pensou consigo mesmo. Deve ser o Homem da Montanha sobre o qual Elf-kin me falou. Ele é amigo das árvores, das samambaias, dos pássaros e de todas as coisas e pessoas dos bosques. Talvez ele queira que uma tarefa seja feita. Acho melhor ir até lá ver.

Aí a voz suave disse:

- É um longo caminho para cima, para um garoto ir sozinho.

Outra vozinha perguntou:

- Você está com medo de ir sozinho pelos bosques escuros?

E outra voz acrescentou:

- É melhor voltar agora.

Mas Décio tinha aprendido a ser corajoso, a não ter medo, a ser persistente e a acabar sempre tudo o que começava. Então, endireitou-se e apressou o passo para ver quem morava na cabana. Foi uma subida dura e longa. Ele sentiu-se realmente sozinho, mas continuou. Lembrou-se muito dos Pensamentos Secretos e isso o ajudou bastante a seguir. Seus pensamentos secretos eram bons: queria ser corajoso e ajudar o Homem da Montanha, se ele precisasse de ajuda.

Exatamente naquele instante ouviu o que parecia ser um grito de dor, bem próximo dele. Olhou para baixo e viu um menino, quase do seu tamanho, deitado no chão, gemendo.

- Por favor, ajude-me, exclamou o pequeno desconhecido.

Décio curvou-se, pôs os braços ao redor do menino tentando fazê-lo ficar de pé, mas nada conseguiu, pois o garoto havia torcido o tornozelo. Dick pensou na cabana. Podia levar o rapaz até lá, pois ele era forte, embora o caminho fosse íngreme e já estivesse escuro. Parou por um minuto e determinou:

- Tenho que ajudar este menino e serei corajoso.

Olhou novamente em direção à cabana para medir a distância. Por estranho que pareça, não achou tão escuro assim e, enquanto olhava justamente à sua frente, estava a mais bela luz imaginável. A Luz era como uma Presença Luminosa. Realmente não era ninguém – apenas uma Luz maravilhosa. Então, uma voz profunda e rica disse:

- Vou ajudá-lo. Você pode carregar facilmente seu irmãozinho nas costas. Assim está ótimo e eu vou guiá-lo.

Então, a Luz seguiu à frente de Décio e de seu novo amigo e logo estavam dentro da cabana.

- Coloque-o com cuidado na cama e vejamos o que podemos fazer por ele.

A voz era muito bondosa e disse a Décio o que fazer para ajudar seu amiguinho.

Como Décio trabalhou! Estava tão feliz por fazer algo de bom pelo outro menino. Então, a Presença Luminosa disse:

- Você tem sido um rapaz corajoso, Décio, e um amigo leal na necessidade. A lealdade é uma grande qualidade e seu caráter será nobre, honesto e verdadeiro, se você continuar a ser leal!

- Décio! Ah, Décio! chamou outra voz.

- Sim, mamãe, respondeu Décio.

E, enquanto ele abria bem seus olhos, o Sol brilhou direto dentro deles. Não podia acreditar que estava na cama, e não à milhas de distância no topo da montanha. Meu Deus! Como ele vestiu-se rapidamente e correu escada abaixo para contar seu maravilhoso sonho ao avô!

O avô sorriu docemente e olhou-o satisfeito.

- Décio, meu rapaz, foi um sonho extraordinário e, sem dúvida alguma, uma experiência real. Por você ter sido constante no estudo de suas lições, honesto e leal em suas amizades, cuidadoso no seu cuidado com o corpo e fiel nos seus pequenos deveres, sua lealdade foi recompensada. Foi-lhe permitido ser, na noite passada, um pequeno Auxiliar Invisível para a Presença Luminosa e servir com amor um amigo necessitado. Talvez, algum dia, você possa ver novamente a Luz da Presença Luminosa.



O CRISTO MENINO

PALAVRA-CHAVE: Abnegação

Era uma vez, há muitos, muitos anos atrás, em um país distante, além do mar, um campo onde alguns pastores estavam vigiando suas ovelhas. Era uma noite maravilhosa, clara, brilhante e cheia de paz. Ainda assim havia um sentimento de expectativa no silêncio. As estrelas nunca pareceram tão luminosas e uma delas, em especial, brilhava tanto que os pastores estavam fascinados por sua grande luz. De repente, as estrelas cantaram! Sim, realmente cantaram, pois vocês sabem que há estrelas-fadas e estrelas-anjos também. Oh! que canção celestial e como ressoou no ar silencioso da noite.

Os pastores estavam tão encantados com a estrela que brilhava mais do que as outras, que a seguiram até um lugar muito distante. Depois, o que vocês acham que eles encontraram? Bem, devo dizê-lo, pois vocês nunca, nunca adivinhariam. Era um amor de um bebezinho menino! A luz ao redor da criança era tão luminosa, que os pastores não puderam ver que lá havia Anjos também. Sim, era Anjos para atender aquela linda criança. Cinco deles vestiam roupas coloridas e tinham asas prateadas, transparentes. Cada Anjo trouxe um presente raro. Os presentes eram amor, bondade, generosidade, humildade e paciência. Não eram esses presentes realmente maravilhosos? O sexto Anjo, vestido com uma roupa branca imaculada e tendo uma estrela na testa, trouxe um tesouro precioso: altruísmo.

Esse menininho, ele mesmo um pequenino tesouro, foi enviado a Terra por Deus para aprender novas lições na Escola da Vida. Deus deu este pequeno tesouro a José e Maria para que eles o amassem e o guiassem. Quanta alegria e felicidade ele trouxe a seus pais e a todos que o conheceram! Este bebê era maravilhoso, pois, podia falar com os Anjos e eles entendiam toda a palavra que ele dizia. Ensinar-lhe tudo sobre como usar aqueles lindos presentes que ele tinha recebido.

Quando já estava crescido o suficiente para correr e brincar, sua mãe amorosa ensinou-o a pensar belos pensamentos. Seu sábio pai foi mostrar-lhe como usar os presentes que ganhara. Quando estava suficientemente crescido para ter amiguinhos, ele era gentil, bondoso e generoso com todos, dividindo tudo o que tinha com os outros. E você sabe, ele também tinha amigos invisíveis. Brincava com os Espíritos da Natureza, e eles faziam, juntos, as mais divertidas brincadeiras.

Em pouco tempo, ele já estava na idade de ir para a escola, era muito inteligente e aprendia suas lições rapidamente. Ele não se fazia orgulhoso por causa disso, mas humilde e tão sem egoísmo que ajudava alegremente os outros que não aprendiam com tanta facilidade. Ele era muito paciente com aqueles que tentava ajudar.

Aprendeu cedo de sua mãe que só os puros de coração poderiam ver Deus. Assim, conservava puro seu coração, pois queria tanto ver Deus algum dia. Seu pai ensinou-lhe que pensamentos são coisas que podem construir um bom caráter, assim ele era cuidadoso em pensar somente coisas boas. Ensinavam-lhe também que o lindo corpo que Deus lhe dera, era realmente um templo vivo para Deus habitar nele, por isso era muito zeloso para mantê-lo em ordem.

Mais tarde, passou a conviver com homens sábios e puros, chamados Essênios, que lhe ensinaram sobre a Terra, as estrelas, os Espíritos da Natureza, os Anjos e os Arcanjos. Ali também aprendeu mais sobre seu corpo maravilhoso e como prepará-lo para receber o Hóspede Celeste.

Quando já estava quase adulto, seu caráter tornara-se nobre e santo e sua Mente repleta de bons pensamentos, e ele começou a transmitir aos outros seus belos pensamentos. Fez amizade com todas as pessoas e era tão humilde que todos o amavam. Ele amava os animais também e era sempre bondoso e gentil com eles, porque sabia que eles eram seus irmãos mais novos.

Depois de ter dominado completamente todas as lições que precisava aprender nesta vida terrena, a uma coisa maravilhosa. É chamado um mistério, mas ele será revelado a você agora. Era preciso encontrar alguém que fosse puro e santo e que estivesse disposto a dar seu corpo para ser usado pelo próprio Filho de Deus, Cristo, que queria vir a Terra para salvar as pessoas de seus pecados. Então, Jesus - este era o nome deste jovem homem - ofereceu seu corpo para receber o Hóspede Celeste. Foi o maior gesto de *Abnegação* e Jesus ganhou grande estima de Deus por isso. Aconteceu o seguinte: Jesus foi batizado no Rio Jordão e, quando saía da água, o grande Espírito Cristo desceu do céu e entrou nele, enchendo-o de força espiritual. Então, uma Voz vinda do céu disse:

- Este é o meu Filho muito amado que me dá muita alegria.

Depois de acabado esse grande mistério, Jesus foi chamado Cristo Jesus. Foi o homem mais puro que já viveu na Terra e tornou-se o Salvador da humanidade.

Se nós formos sempre bons, generosos, cheios de amor e principalmente não formos egoístas, e estivermos dispostos a sacrificar nossos pequenos prazeres e até mesmo nossos maiores tesouros para fazer os outros felizes, e também se mantivermos nossas mentes e nossos corpos puros, limpos e santificados, o belo Cristo virá para viver como uma criança em nossos corações. Assim, quando nos tornarmos adultos, seremos como Ele.

☆☆☆☆☆☆☆☆

O MONARCA DA FLORESTA

PALAVRA-CHAVE: Cooperação

A noite tinha caído sobre a floresta e lá havia uma grande calma e silêncio. Havia sussurros do vento e os pinheiros gigantes balançavam-se e suspiravam, embalando docemente os passarinhos em seus ninhos para dormirem. Não é de admirar que os pássaros se sentiam seguros em -

“Uma árvore que o dia todo está para Deus a olhar,

E ergue seus braços cheios de folhas para rezar”.

Ouviu-se um farfalhar nas pinhas caídas no chão e delas saíram pequenos duendes dos bosques, os gnomos. Pareciam ansiosos para ficarem a luz do luar, mas olhavam prudentemente para ver se tudo estava bem. Corriam de um lado para outro, alegres e radiantes. De repente, eles pararam e juntaram-se todos em um grupo embaixo da maior árvore da floresta, pois algo muito estranho estava acontecendo! O Grande Monarca, a mais corajosa árvore da floresta, não estava se balançando ao vento, mas gemia dolorosamente. Qual poderia ser o problema? Alguma coisa terrível devia ter acontecido!

Os pequenos gnomos olharam para cima e, oh ... que susto! A linda cor de arco-íris que sempre estivera ao redor da árvore, não estava mais lá. Alguma coisa tinha que ser feita, assim eles olharam para a Lua e disseram:

- Poderia algum bondoso Anjo de Misericórdia vir e ajudar o Grande Monarca?

Aí pararam silenciosos e esperaram.

De repente, ouviram um farfalhar e o som de uma suave música e lá estava o Espírito-grupo do pinheiro, todo envolto em um branco radiante.

- Não fique tão preocupado, Grande Monarca, disse o Espírito, pois trago-lhe ótimas notícias. Você e suas companheiras, as árvores da floresta, aquelas que estão mais velhas, vão fazer uma longa viagem pelo grande e extenso mundo. Vocês vão proteger das tempestades e dos ventos, muitos dos que necessitam de ajuda.

- Mas, perguntou o Grande Monarca, quem tomará conta dos pássaros, dos Espíritos da Natureza e das pequenas criaturas que rastejam?

- Oh, Monarca, respondeu o Espírito, onde está a sua fé? Eu não guiei e tomei conta direitinho de você e das outras árvores? Tenho muitas outras arvorezinhas-bebê prontas para ocupar os lugares de vocês. Amanhã cedinho chegará a esta floresta um grupo de homens, homens muito fortes chamados lenhadores. Eles trarão machados muito afiados, sentem somente amor pelos bonitos corpos de vocês. Por isso, sejam corajosas e fiquem calmas, pois tudo correrá bem. Olharei por vocês. Acordem cedo para que os pássaros comecem a voar ainda de madrugada; eles não podem ficar tristes. Mandem os gnomos fazerem seus trabalhos em outra parte da floresta assim que o Sol nascer. Boa noite, Grande Monarca. Eu o guiarei em sua viagem pelo extenso mundo.

Então, o Espírito-Grupo flutuou graciosamente indo embora.

Na manhã seguinte, houve uma agitação enorme seguida de um profundo silêncio. Mas, por um longo tempo, nada aconteceu. De repente, ouviu-se o som de uma canção cantada por homens felizes. Ao chegarem mais perto pararam, contemplando os altíssimos pinheiros.

- Que árvores maravilhosas! - exclamou um deles.

Um outro disse:

- Queria lembrar um poema que li uma vez sobre árvores, e tudo o que consigo recordar e o final – Mas só Deus pode fazer uma árvore!

- É quase um crime derrubá-las, disse o líder – mas temos que obedecer às ordens. Então, homens, mãos à obra!

Nunca se ouviu tanto barulho na floresta. As árvores tentavam ficar calmas e ser corajosas, mas realmente não se sentiam bem. Depois de terem sido cortadas, foram colocadas em um enorme vagão e receberam outro nome – troncos. Foram transportadas num longo caminhão e quando estavam bem cansadas e querendo saber o que iria acontecer, tiveram uma grande surpresa. Bem a sua frente apareceu um bonito e calmo rio, que pareceu convidá-las a flutuar em suas deliciosas águas. Então, os homens fortes rolaram-nas para dentro do rio. Foi uma grande pancada quando caíram na água, mas depois, elas deslizaram rio abaixo continuando sua viagem.

Não puderam entender o que os homens diziam, nem sabiam direito o que estava acontecendo. Sua coragem já estava acabando, quando finalmente chegaram a uma barreira de troncos. Então, viram aí o maravilhoso Espírito-grupo dos pinheiros pairando sobre elas e retomaram a coragem novamente.

Uma a uma, passaram vagorosamente pela serraria e, quando chegaram ao outro extremo, saíram não mais como troncos, mas como bonitas tábuas de pinho. Foram colocadas em asseadas pilhas e, então, vieram alguns homens estranhos, olharam-nas e disseram que eram boas tábuas e que fariam com elas as mais requintadas casas.

Numa manhã, um grande caminhão encostou-se ao depósito de madeiras e o motorista disse:

- Vim buscar aquelas tábuas de pinho que encomendei ontem.

Então, as árvores, que agora eram tábuas, tiveram outra surpresa, um passeio pelo maravilhoso campo e finalmente foram descarregadas numa linda colina verde.

Logo começou um barulho muito violento – bum! bum! bum! As tábuas mal podiam conversar entre elas e ficaram realmente assustadas. Mas, logo ouviram uma voz que todas reconheceram – o Espírito-grupo dos pinheiros estava pairando-sobre elas e dizia:

- Sejam fortes e corajosas! Cada uma de vocês tem um papel a cumprir na construção de uma casa, a qual abrigará uma família do mau tempo e das tempestades.

E as marteladas continuaram, fazendo surgir uma linda casa, prontinha para ser habitada.

Novamente, o Espírito-grupo pairou sobre elas e disse:

- A grande lição foi aprendida por vocês, a lição de COOPERAÇÃO no grande plano de Deus. Cooperação significa trabalhar juntos para o bem de todos. Na floresta, vocês cooperaram com a Natureza abrigando os pássaros. Depois, quando o homem precisou de vocês para um trabalho maior, cooperaram com ele e fizeram uma linda casa para sua família. Todos os dias vocês ouvirão risos de crianças felizes. Os pais vão falar carinhosamente aos amigos sobre a nova casa e comentarão que ela foi construída com o *melhor pinho da grande floresta*.

Assim, o Espírito-Grupo voltou para a floresta para dar aos pinheirinhos novos a mensagem de COOPERAÇÃO com Deus e com os seres humanos.



A SURPRESA

PALAVRA-CHAVE: Amizade

- Oh, que manhã gostosa! Exclamou John ao sair pela porta da frente.

Ele foi saudado com alegres sons por todos os lados. Os passarinhos nas árvores cantavam alegremente sua canção matinal. Seu assobio fraco foi respondido por um latido forte do companheiro fiel, Bruce, um bonito cachorro *collie* que ele ganhou de um amigo querido. John e Bruce eram amigos sinceros, cada um se preocupava com a segurança e o conforto do outro.

Um dia, foram passear alegremente pelo atalho, a sombra das árvores, e depois saíram para a estrada. Não tinham ido muito longe, quando viram a sua frente uma carroça cheia de frutas, cujo dono estava com problemas. Uma das rodas havia caído e isso naturalmente derrubou algumas frutas, que estavam agora esparramadas na estrada. John ajudou a recolhê-las, enquanto o homem consertava a roda. Em pouco tempo, tudo estava em ordem de novo e o homem continuou sua viagem. John deu uma tapinha nas costas de seu companheiro e eles continuaram a caminhar pela estrada, na expectativa de que algo mais acontecesse.

John era filho único. Amava muito seus pais e ficava contente quando podia ajuda-los, Gostava de flores e passava bastante tempo no jardim. Apreciava a leitura e tinha como amigos os personagens que viviam nos livros que lia por horas seguidas. Isso tudo, entretanto, não o satisfazia porque ele queria amigos reais.

Seu coração era bondoso e, quando sua família morava na cidade, ele procurava a maneira de ajudar as pessoas. Em frente à sua casa morava um menino aleijado. Cada manhã, John corria para lá e dava um assobio de chamada que todos os *meninos* conheciam. Então, ele ajudava o seu amiguinho aleijado a ir para a escola, carregando sempre seus livros. Havia também sua avó, que o

esperava na janela, no horário em que ele passava. Ele corria para lhe dar um beijo e ver se estava bem e feliz. Também havia a adorável Virgínia, menina da idade dele, que sempre fora sua amiga verdadeira e leal. Ela parecia entender todas as suas alegrias e tristezas. Se ele era vitorioso nos jogos, ela o louvava. Se ele tinha dificuldades em suas lições, ela o encorajava a estudar um pouco mais. Assim, ele tentava e tentava de novo com vontade.

Mas, quando sua mãe ficou doente, seu pai comprou uma linda casa no campo, e Virgínia ficou na cidade. A suave brisa do campo e o dador de vida – o Sol – ajudaram sua mãe a sentir-se cada vez melhor e naturalmente John ficou feliz por isso, porque havia muito amor entre sua mãe e ele. Mas, oh! Sentia tanta falta de sua amiguinha, Virgínia.

John e Bruce estavam perto de uma casa, próxima a sua, quando o cachorro deu um latido repentino e forte e John olhou rapidamente para ver o que estava acontecendo. Uma grande surpresa o aguardava. A casa tinha sido reformada e pintada recentemente e ele quis saber quem tinha mudado para Ia e se haveria companheiros de folgedos para ele. Sussurrou para Bruce:

- Muito bem, amigo, nós vamos dar uma volta ao redor da casa e tentar descobrir quem são nossos vizinhos. Talvez possamos arrumar alguns novos amigos.

Assim, andaram em direção ao jardim e ali, sentada num banco, debaixo de uma roseira, viram uma linda menina. O coração de John deu um salto e ele ficou em silêncio por um minuto. Seria ela? Era realmente Virginia? Sim, ele tinha certeza e ela parecia não o ter visto. Ele foi “na ponta dos pés” e sentou-se ao seu lado. Ainda assim, ela não percebeu sua presença. Ele chamou-a pelo nome e então, ela virou-se. Oh, como ficou feliz ao vê-lo! Ambos ficaram muito contentes por estarem juntos novamente e conversaram por longo tempo sobre tudo o que tinham feito desde que se separaram. Um verdadeiro amigo e o maior

tesouro que podemos ter, e a amor desinteressado e a chave que abre as portas da amizade.

Bruce latiu para mostrar-lhes que estava ali, esperando pacientemente para também ser saudado. Depois, entraram juntos na casa onde os pais e irmãos de Virgínia alegraram-se em rever John, pois todos o amavam sinceramente. Ele era um verdadeiro amigo, sempre pronto para fazer uma boa ação, para fazer alguém feliz. E este é o segredo da amizade – um coração cheio de amor e consideração para com a felicidade dos outros.



A SOMBRA DE SIBILA

PALAVRA-CHAVE: Harmonia

O vento bramia e bramia lá fora, carregando as folhas num rodopio folgazão. Depois, parou por um instante. O Sol brilhou por entre os ramos das árvores e, passando alegremente através da vidraça de uma janela, envolveu uma garotinha que estava quietamente sentada, mergulhada em profundos pensamentos. Ela estava tentando encontrar a resposta para uma pergunta que a atormentava, mas isso era realmente muito para ela.

Por que o zunir do vento se parecia tanto com ela? Mas ela sabia que não era exatamente como o vento, troando, sempre provocando problemas de alguma forma, arrancando folhas das árvores ou jogando poeira nos olhos das pessoas, incomodando-as. Ela sabia que era Sibila, assim era seu nome, e assim todos a chamavam. Mas também *não era* Sibila! Quem era então? Pensava, pensava muito, mas não conseguia descobrir. Parou de pensar por uns instantes e ficou ouvindo a música suave vinda da sala ao lado, onde sua mãe estava tocando. Sempre que sua mãe tocava peças que a faziam sonhar, parecia que quase chegava, a saber, quem ela era. A suavidade da música lançou um encanto sobre ela que não percebeu quando sua mãe parou de tocar e aproximou-se dela.

O céu estava com um vermelho glorioso e as nuvens eram cor-de-rosa e lindas, enquanto o Sol se punha. Sibila contemplava tudo isso e sentia-se maravilhada com a beleza daquele outro mundo.

Sua mãe, ouvindo-a suspirar, tomou-a nos seus braços e perguntou-lhe suavemente:

- Que a atormenta tanto, Sibila? Conte-me e talvez eu possa ajudá-la.

Sibila abriu seu coraçãozinho para sua sábia mãe:

- Mamãe querida, por que tenho de voltar diariamente a este mundo de faz-de-conta? É tão mais bonito o outro mundo em que vivo parte do tempo. Lá sou feliz e me divirto tanto! Lá eu sou tão diferente – nem um pouco como sou agora. E eu tenho tantos companheiros queridos naquele outro mundo. A música é maravilhosa e a luz torna as cores mais bonitas! Nós dançamos, cantamos e somos tão felizes. E, então, um Anjo vem, sorri para nós e ficamos tão contentes, mas quando estou aqui, sou muito diferente. Quero ser alegre, mas sou tão triste. Quero ser boa e, no entanto sou má. Por quê? Por que, Mamãe querida, tem de ser assim? Será que sou duas; essa eu, e aquela, outro *eu* que vive numa linda terra tão distante?

- Você é uma só, Sibila, respondeu a mãe, assim como há somente um Eu. Cada um de nós é uma centelha de luz de Deus, e nosso verdadeiro lar é no mundo celestial. Nós todos temos que aprender muitas lições para que possamos ajudar a Deus em Sua grande obra.

Temos que aprender muitas dessas lições aqui na Terra e essa é a razão pela qual vivemos em nossos corpos todos os dias e fazemos o que precisamos fazer. À noite, porém, podemos deixar nossos corpos descansando e ir para o mundo celestial, onde estamos no nosso verdadeiro lar. Quando acordamos de manhã e nos lembramos daquele mundo maravilhoso não podemos deixar de pensar que a Terra, às vezes, não é um lugar tão agradável.

Queremos ser bons, mas nem sempre é fácil ser bom aqui na Terra. Temos que tentar da melhor maneira possível e lembrar-nos sempre que somos centelhas da luz de Deus e que estamos vivendo na Terra para evoluirmos, procurando ser cada vez melhores. Assim, aprenderemos nossas lições aqui e, à noite, seremos capazes também de visitar o mundo celestial para fortificarnos na fonte divina.

Os olhos de Sibila foram se tornando cada vez mais brilhantes, enquanto ouvia sua querida mãe. Sabia agora que o motivo de toda sua aflição era porque não tinha pensado de maneira correta. De agora em diante, iria

lembrar-se sempre quem ela era, qual o verdadeiro sentido da vida, tentando aprender direitinho suas lições aqui na Terra.



ROSÁLIA E O RAIOS DE SOL

PALAVRA-CHAVE: Sensibilidade

Em um lindo jardim, num luminoso dia de verão, o riso feliz das crianças podia ser claramente ouvido. A alegria estava presente e o ar vibrava de felicidade. Uma garotinha estava no meio das crianças, mas era muito nova para brincar os jogos que os outros brincavam. No seu vaporoso vestido branco, olhos espertos, linda face rosada, emoldurada por suaves cachos dourados, ela parecia mais uma flor do que uma criança.

Sorrindo feliz, olhava um raio de sol que parecia estar brincando ao seu redor. O raio de Sol era tão brilhante e bonito que ela teve vontade de brincar com ele. Tentou apanhá-lo e, como não conseguiu, perseguiu-o de um lado para outro, afastando-se das outras crianças. Quando quase conseguiu pegar o raio dançante, ele iluminou uma flor. A flor era linda, assim ela chegou perto para admirá-la e cheirar o seu perfume, quando pareceu ouvir de dentro uma voz fraquinha falando com ela. Quando ouviu isso, a garotinha perguntou:

- Qual o seu nome, linda flor?
- Rosa - sussurrou - E como deve ser o seu nome, linda criança?
- Rosália - respondeu a menininha.
- Que doçura - disse a vozinha - Rosália significa uma rosa pequena.
- Oh! fale-me mais, linda flor, por favor! - Disse Rosália.
- Bem, já que você também é uma rosinha, se você prometer ficar bem quietinha e *obediente*, vou levá-la comigo para um passeio no raio do sol.

Rosália prometeu e elas foram fazer um passeio num distante jardim onde lindas flores estavam crescendo. As flores seguravam suas cabecinhas pequenas bem erguidas e ficavam felizes em alegrar todos os que passavam por ali, pois para isso existem as flores. Elas nos foram dadas por Deus para

serem apreciadas, porque em suas lindas cores azuis, douradas, vermelhas e violetas, vivem bonitos pensamentos que devemos construir dentro de nossas vidas. Amor, paciência e *obediência*, todos vivem e respiram na fragrância das flores.

Rosália viu algo mais; tão surpreendente que ela até perdeu o fôlego e quase chorou de emoção. Era um pequeno duende, atento no seu trabalho de colorir as flores. Seu nome era Elf-kin e tinha um pequeno auxiliar muito hábil, chamado Do-kin. E ali havia uma encantadora duende donzela, com um vestido lindo que parecia um arco-íris. Ela estava parada onde o Sol brilhava, sobre ela e Elf-kin estava pintando uma flor para ser exatamente igual a ela. Ele pôs um pouco do azul do céu, do dourado do sol, do vermelho do pôr-do-sol, do verde da grama e um pouquinho do marrom da terra naquela flor. Oh! como ficou maravilhosa!

- Você sabe algo dos duendes, não é? - Continuou a rosa. Eles são minúsculos Espíritos que trabalham com as flores. São criaturinhas sempre ocupadas, trabalhando arduamente para fazer flores, arbustos e árvores. Trabalham em pequenos grupos, aprendendo lições dos sábios Espíritos-Grupo que sabem tudo sobre essas coisas. Os Espíritos-Grupo são Anjos que guiam as flores e os duendes. Todos trabalham juntos em amor no bonito mundo das plantas de Deus.

- Oh, eu quero fazer flores bonitas, também -Disse Rosália -Por favor, mostre-me como se faz!

- Silêncio, querida menina! - Disse a vizinha da rosa.

Elf-kin poderá ouvi-la e ficar com medo de ver uma garotinha no seu jardim. Pode pensar talvez que você seja um gnomo escuro esperando para pregar-lhe uma peça, enquanto ele está pintando essa linda e nova flor. Há duas espécies de duendes: os claros, que trabalham com as flores, moldando-as e pintando-as, e os duendes escuros ou gnomos, que trabalham na terra. Esses duendes

escuros são muito travessos e adoram pregar peças nos duendes claros. São só brincadeiras, mas isso faz Elf-kin ficar sempre alerta, conservando-o cuidadoso o tempo todo, pois não quer ver suas lindas flores assustadas. Você pode ver que ele é muito atencioso com as suas flores e essa foi uma das lições que aprendeu. *Obediência* é outra lição, pois ele trabalha muito, dia após dia, cumprindo a vontade de Deus; fazer flores é trabalho para os Espíritos da Natureza fazerem, não para meninas pequeninas. Mas há trabalho para você também no Mundo de Deus. Você pode ser doce e bonita como uma flor, porque você tem o nome de uma flor. Você também pode dar alegria e felicidade para todos que a veem durante o dia, principalmente à sua mãe, sendo *obediente* quando ela lhe pede para fazer alguma coisa.

Então Rosália percebeu que o raio de sol ainda brilhava ao seu redor. As pequenas crianças continuavam a brincar alegremente e faziam jogos no jardim. Rosália apressou-se para encontrá-las, segurando cuidadosamente a linda rosa, e contou-lhes o seu passeio no raio de sol. As crianças colocaram-na no meio da roda e brincaram de “Roda ao redor de Rosália”, acreditando mais do que nunca, nos pequenos duendes e nos Espíritos da Natureza.



A BELEZA DOURADA

PALAVRA-CHAVE: Misticismo

Era uma vez, ao lado de uma estrada, uma planta que crescia e que ninguém notava. Escondida debaixo de uma de suas folhas havia uma dúzia de minúsculos ovos, tão pequeninos que se você não soubesse que estavam lá, você nunca os veria. Depois de algum tempo, um desses ovinhos saiu rastejando – imaginem o que! Bem – uma minúscula lagarta verde. Ela estava tão feliz por ter saído e espreguiçou-se e espreguiçou-se. Olhou ao redor e depois começou a rastejar. Rastejou e rastejou para mais longe. Cada dia comia tanto que logo precisou ter um novo casaco. Vivia muito feliz em uma planta à beira da estrada. Era uma lagartinha inteligente também: se o vento soprasse forte demais e balançasse muito as folhas, ela caía no chão; então, quando tudo se acalmava novamente, ela rastejava, subindo pelo caule e se instalava em uma nova folha bonita e verdinha.

Assim, a lagartinha rastejava e comia tanto, que logo estava usando seu quarto casaco verde. Um dia, sendo muito orgulhosa, esqueceu de se esconder. Em vez disso, rastejou impetuosamente a céu aberto e um homem vendo-a, disse:

- Realmente uma bela lagarta, a mais bonita dessa espécie que já vi.

Então, os Espíritos da Natureza, que trabalhavam com as lagartas, contaram o acontecido para o Espírito-Grupo. Depois disso, a lagarta verde foi vigiada e protegida muito cuidadosamente.

Um dia, depois de rastejar mais adiante, mais adiante, e de ficar muito cansada, arrastou-se para baixo da maior folha que encontrou. E ali, para ficar bem mais confortável, teceu uma esteira ou berço com os fios de uma seda bem macios, na parte de baixo da folha. Depois, instalou-se contente e feliz e adormeceu. Vocês sabem por quanto tempo? Ela dormiu por quase duas semanas! Enquanto estava profundamente adormecida, os Espíritos da Natureza ajudaram-na a crescer mais um pouquinho, até que não coube mais

no seu berço. Crisálida era o nome do seu berço. Então, em um belo dia quente e luminoso, rompeu-se o casulo, dele saindo a mais bonita *borboleta dourada!* A lagarta foi *libertada* de sua concha.

Feliz com a beleza das florzinhas silvestres que cresciam perto da folha que tinha sido seu lar e desfrutando os doces odores trazidos pela leve brisa, a borboleta descansou um pouco. De repente, descobriu que tinha asas que pareciam de ouro puro e com um grito de alegria voou direto para o sol brilhante. Depois de voar por algum tempo, flutuou sobre um lindo jardim e pousou numa flor de trevo. Sentindo sede, desenrolou sua língua comprida que estava enrolada embaixo do queixo, e bebericou um pouco de mel. Como estava feliz! Ela também fez as plantas felizes, pois era como o brilho do sol voando de flor em flor.

- Que linda beleza dourada! Vamos apanhá-la - gritou um jovem que a tinha visto voando entre as flores. Ele amava as borboletas, mas não conseguiu pegá-la.

Oh! Não! Os Espíritos da Natureza a conduziram para uma grande folha verde, onde se escondeu. E ali a borboleta botou ovos minúsculos. Em seguida, desdobrou as belas asas douradas e voou para longe, bem longe mesmo, e nunca mais foi vista.



FRANCISCO

PALAVRA-CHAVE: Compaixão

Você já viu alguma vez o céu tão azul – oh, tão azul – que dá até vontade de sentar-se e ficar olhando para ele o dia todo? Alguma coisa dentro de você canta de alegria e você se sente como se estivesse dançando e muito feliz! Bem, você sabe que o azul do céu é uma maneira de nosso Pai Celeste dar-nos felicidade neste mundo lindo! Quando olhamos para o belo céu azul, lembramo-nos do amor que Ele sente por nós e ficamos felizes.

Em um país distante, do outro lado do mar, sob um também lindo céu azul, há muitos e muitos anos atrás, viveu um menininho. Ele também amava o céu azul que fazia seu coração feliz, animado e alegre. Seu nome era Francisco – lindo nome, não é? Esse menininho italiano – pois tinha nascido na ensolarada Itália – era como os outros meninos, cheio de vida e sempre querendo divertir-se. Seu pai era um rico comerciante e Francisco podia ter tudo o que quisesse; tudo que seu coraçãozinho desejasse. Vestia-se tão ricamente que alguns de seus companheiros olhavam-no com inveja e comentavam: “Parece um príncipe”. Isso naturalmente enchia o seu pai de orgulho, mas deixava sua sábia mãe um pouco triste. Ela sabia que não era bom para as crianças terem tudo o que quisessem, porque isto as torna sempre egoístas. E Deus não quer que sejamos egoístas.

Assim, Francisco continuou alegre, feliz – e egoísta – até que um dia alguma coisa aconteceu. Ele ficou muito doente. Isto muitas vezes acontece quando só pensamos no prazer e fazemos do Egoísmo, um amigo. Contudo, sua adorável mãe que o compreendia tão bem, cuidou dele com seu profundo amor materno, ternamente. Ela rezou ao Pai Celestial e suas preces atraíram os Anjos para ela. Eles também cuidaram de Francisco, e enviaram seus mensageiros de amor para curar seu corpo doente. Esses mensageiros tiraram

todas as coisas desamoráveis que estavam vivendo em seu corpo e no lugar delas deixaram somente amor, pureza e meiguice.

E assim, pouco a pouco, Francisco cresceu cada vez mais forte. E, acreditem, durante todo o tempo em que ele ficou doente, o Egoísmo também ficou doente e nunca se recuperou. Em lugar dele, quando Francisco já estava bom, o *Altruísmo* veio morar em seu coração puro. E, muitas e muitas vezes, sussurrou-lhe tais pensamentos de amor, que ele começou a ver coisas como nunca as tinha visto antes. Quando era egoísta, só pensava em si mesmo o tempo todo, imaginando o que fazer para se divertir; assim naturalmente voltado para si mesmo, não via o que estava acontecendo a sua volta e perdia muitas coisas.

Mas, agora que ele passou a escutar o Altruísmo, começou a encontrar novas alegrias. Seu amor tornou-se tão grande e amplo, que começou a gostar de todas as coisas viventes e a encontrar grande parte de sua alegria sendo bom e ajudando os outros. Passava todo o seu tempo auxiliando as pessoas, falando-lhes sobre Deus e Cristo Jesus, para que eles pudessem viver vidas melhores. Por fim, demonstrava tanto amor e compaixão por todos, que foi chamado “São Francisco”. Fez-se verdadeiro amigo dos pássaros e de todos os animais. Chamavam de seus irmãos e irmãs as abelhas que voavam de flor em flor no jardim e os coelhinhos que saltavam alegremente pelos campos. Os pássaros o compreendiam e não mostravam o menor sinal de medo e chilreavam em resposta quando ele lhes falava. Quando o viam chegar cantavam para ele as músicas mais doces e bonitas, porque ele os compreendia. Então, São Francisco dizia:

- Nossos irmãos, os pássaros, estão agradando a Deus.

Isso fez sua mãe muito feliz, pois ela sempre soube que, escondido no fundo do coração de seu filho, estava este lindo amor pela Natureza e que transbordaria com o passar do tempo e que todos saberiam o que ela sempre soube. Quando ele era ainda um menino despreocupado, ela tinha dito:

- Se ele vive agora como um príncipe, um dia será chamado filho de Deus.

Realmente, ele era um filho de Deus! E cada um de nós também é um filho de Deus. Isto não é maravilhoso?

Hoje em dia, pessoas no mundo inteiro falam com amor do bom São Francisco, o amigo dos pássaros, dos animais, das flores, e também das pessoas. Vocês poderão ler livros sobre ele e saber como ele era compassivo.



A PEQUENA “EU TAMBÉM

PALAVRA-CHAVE: Iniciativa

Num chalezinho branco, a beira mar, morava a mãe e suas duas filhas pequenas, formando, realmente, uma família feliz. Não tinham pai, pois Deus já o havia levado para o Mundo Celeste, além do céu azul.

Essas duas meninas, além de serem pequenos e lindos tesouros, eram também ajudantezinhas maravilhosas. A mais velha chamava-se Margarida e a mais nova Janete. Mas ninguém chamava Janete por seu nome e sim pelo apelido “Eu também”. Era assim que todos a chamavam. Por que?

Bem, todas as vezes que a mãe ou Margarida precisavam de alguma coisa Janete dizia “eu também”; ou se Margarida ia a algum lugar, Janete acrescentava “eu também”; de modo que a família e os amigos a apelidaram assim.

Na bonita casinha branca havia muitas coisas a serem feitas e as irmãs estavam felizes com as pequenas tarefas que podiam fazer para a mãe. Tudo o que Margarida fazia, a pequenina “Eu Também” sempre a ajudava. A mãe das meninas era uma mãe maravilhosa, que lhes contava muitas coisas interessantes, inclusive sobre os pequenos Espíritos da Natureza que vivem na água e no ar.

Um dia, alguns primos da cidade vieram ao chalé para uma visita à família. Passaram muitas horas agradáveis no pequeno jardim e na areia. Divertiram-se muito no mar, saltando sobre as ondas e deitando-se na areia sob o sol brilhante, enquanto ouviam o barulho das ondas.

Como os priminhos da cidade não sabiam quase nada sobre o oceano e a praia, Margarida contou-lhes tudo o que sabia sobre essas coisas. Eles não sabiam que 3/4 partes da superfície da Terra é água e que o belo Oceano Pacífico é metade disse. Eles pensavam que água era apenas água e não

sabiam que nela existiam ilhas grandes e pequenas, e até continentes perdidos e sepultados sob o mar agitado.

Margarida era quem mais falava. Contou a seus priminhos sobre os mares e as tempestades do mar, e mostrou o farol que ficava perto dali e cuja luz brilhante piscava sem parar para conduzir os navios com segurança. Falou-lhes sobre os jardins que existiam sob o mar, dos recifes de coral e de muito mais coisas até que os primos da cidade pensaram que ela era uma menininha muito, mas muito inteligente.

Eles sabiam muito a respeito da cidade grande onde moravam, sobre os rios, o lago onde patinavam no inverno e muitas outras coisas; mas o oceano era tão novo e interessante para eles que queriam saber mais.

Por fim, Margarida concluiu:

- Bem, realmente, eu não sei mais nada para lhes contar.

Todos ficaram muito quietos por alguns instantes, até que a pequena “Eu Também” os surpreendeu dizendo:

- Margarida, querida, você se esqueceu de contar a eles como se formam as tempestades no mar, como Mamãe nos contou.

E isso já era muito para “Eu Também” dizer, pois era uma criaturinha muito tímida. Os primos logo pediram:

- Oh, “Eu Também”, conte-nos!

Então, ela contou:

- Bem, as sílfides que vivem nas nuvens fofinhas recolhem a água que as ondinas derramam e a levam em seguida para as nuvens. Lá, seguram a água até que as ondinas as obrigam a soltar. As tempestades são realmente batalhas entre as sílfides e as ondinas, travadas no mar e no ar. Por fim, as sílfides tem que entregar à água as ondinas, que apanham as gotas de chuva, jogando-as

sobre a Terra. Às vezes, as salamandras tomam parte no combate e aí tem raios e trovões. Algumas gotas de chuva caem no solo dando de beber a grama e as flores; outras caem nos rios e lagos e outras ainda voltam diretamente para o mar azul e profundo.

Como eles ficaram encantados com a pequena “Eu Também”! Ela se fez notada naquele dia, e deixou de *ser tímida*. Sua mãe ficou muito feliz quando soube disso, dizendo que Janete havia demonstrado *iniciativa*. Depois daquele dia, a menina nunca mais ficou contente por seguir somente os outros, como fazia antes, e ninguém mais a chamou de “Eu Também”. Ela passou a ser chamada, novamente, pelo seu verdadeiro nome: Janete.



O CORAJOSO LAURO

PALAVRA-CHAVE: Coragem

Em uma terra além-mar, numa bela casa marrom, muito diferente das casas que temos nesta nossa Terra, morava uma família adorável, tão feliz como feliz uma família pode ser. Esta pequena casa marrom tinha lindas glicínias que trepavam pelas paredes externas e quando suas flores balançavam a brisa, um doce perfume flutuava pela casa.

Não só esta moradia era diferente das nossas, mas as pessoas que nela moravam eram também diferentes. Tinham pele mais escura que a nossa, os olhos pretos e cabelos muito pretos.

Havia no jardim belíssimas cerejeiras em flor, que mais pareciam grandes ramalhetes. Eram árvores tão belas que, algumas vezes, o país era chamado de Terra das Cerejeiras em Flor. No jardim estava um gracioso menino de sete anos de idade. Seu nome era Lino e estava muito ocupado colhendo flores de cerejeira para sua mãe decorar o interior da casa. Com os braços cheios de flores encaminhou-se para dentro da casa e ajudou sua mãe a coloca-las nos vasos. Tudo era luminoso e alegre, e riam e falavam enquanto arrumavam as flores.

Em seguida, o pai de Lino entrou no aposento. Era um homem elegante, vestido com um quimono maravilhosamente bordado. Chamou o pequeno Lino e tiveram uma longa conversa juntos. Depois do jantar, o pai e o menino foram para o jardim e lá ficaram por um longo tempo. Em seguida, esgueiraram-se por um portão secreto e foram para o Templo. Os sinos do Templo pareciam tocar uma música muito suave quando eles entraram para orar. O pequeno Lino pediu ao Grande Pai que o tornasse bravo e corajoso e que o fizesse crescer forte e sábio como seu pai. Saíram do Templo e caminharam muito, muito, até que chegaram a uma floresta escura e o coração

do pequenino Lino bateu muito rápido. Durante a caminhada, o pai não pronunciou uma só palavra, mas agora disse:

– Meu filho, vou deixá-lo sozinho nesta floresta, mas não precisa ter medo, porque não há nada a temer. O Grande Pai tomará conta de você.

Rapidamente, ele desapareceu e o pequeno Lino foi deixado sozinho.

Como tudo parecia escuro! As sombras pareciam tão grandes e não havia como sair dali. As folhas farfalhavam e ouvia-se um estranho ruído de pequenos pés andando apressadamente aqui e ali. As árvores eram altas e silenciosas. Parecia não haver saída numa floresta tão espessa.

O pequeno Lino ficou parado por um longo tempo, sem saber para onde ir. Que faria agora? Oh, queria tanto a sua mãe! E, à medida que pensava mais em sua mãe, lembrou-se que ela lhe falara sobre uma luzinha que ele levava consigo onde quer que fosse. Bem no seu coraçãozinho, ela tinha dito, havia uma luzinha que nunca se apagava. Então, desejou e desejou com toda força que essa luzinha fosse tão brilhante que pudesse mostrar-lhe o caminho da casa. Em consequência desse pensamento, encheu-se de esperança e teve a certeza de que a luz o guiaria para sua mãe.

Logo ouviu pequeninas vozes da Natureza ao seu redor e ruídos agradáveis vindo das árvores. Dentro dele, ouviu a vozinha da coragem dizer-lhe suavemente:

– Seja corajoso, meu rapaz; os Anjos de Deus cheios de amor, estão cuidando de você. Caminhe para frente, não tenha medo e tudo sairá bem.

Nesse mesmo instante, sua luzinha começou a brilhar tão intensamente através de seus olhinhos negros, que pode ver claramente a saída da floresta. Bem à sua frente um caminho serpenteava por entre as árvores. Os pequenos Espíritos da Natureza pareciam estar em toda parte e Lino já não estava mais

só, nem sentia medo. Caminhando depressa pela floresta quieta, começou a cantar.

Depois de algum tempo, chegou ao fim do caminho. A Lua enviara lindos raios de luz, as estrelas piscavam alegremente como se quisessem alegrá-lo em seu caminho, e ele foi iluminado até o seu querido lar. Aí encontrou sua bondosa mãe e seu pai que estavam esperando o pequeno e bravo Lino, que havia demonstrado tanta coragem.

Esta é a história de um de nossos irmãozinhos, lá longe, no Japão, a Terra das Cerejeiras em Flor. Deixemos que nossa luzinha brilhe muito em nossos corações para que nós também possamos ser bravos e cheios de coragem. Dessa forma, nunca teremos medo do escuro, pois sabemos que “DEUS É LUZ”.



A NINFA DAS ÁGUAS

PALAVRA-CHAVE: Ação

Bem lá no alto das Montanhas Brancas, onde você nunca, mas nunca mesmo, poderia imaginar, aninhava-se um lindo lago com águas claras e calmas, como se fosse um grande espelho. Manso e tranquilo, refletia as lindas nuvens fofas e o céu muito azul. Os galhos das árvores balançavam e se inclinavam para os próprios reflexos neste grande espelho e as nuvens fofas, ao passarem, observavam suas belas formas.

Escondido sob uma árvore, onde ninguém podia vê-lo estava um menino sonhando, imaginando o que as nuvens faziam a noite e se elas continuariam brancas e fofas, por que sopravam os ventos e como a água chegava ao topo da montanha! O nome desse menino era Dick. Passava a maior parte de seu tempo livre junto ao lago, em seu barco ou nadando. Algumas pessoas achavam que era um menino preguiçoso e o chamavam de Dick Preguiçoso, mas ele sabia que estavam enganados. Essas pessoas não sabiam que ele se levantava bem cedo para fazer todas as suas tarefas, de modo a poder ficar mais tempo no lago.

Bem perto de seu esconderijo, havia um canteiro de lírios d'água que espalhavam suas belas folhas verdes e flores sobre as águas do lago. Eram seus amigos e o menino se interessava muito por eles.

Dick tinha um segredo. Era o único das redondezas que sabia que uma ninfa morava bem no meio daquele canteiro de lírios. Como sabia? Ora, porque ele a viu e conversou com ela.

Vou contar a vocês como isto aconteceu.

Bem, um dia, quando estava muito, muito cansado, Dick adormeceu exatamente onde estava escondido agora e, quando acordou, ali no meio do canteiro, olhando para ele com seus lindos e grandes olhos cheios de

admiração, estava uma linda ninfa. Ele nunca tinha deparado em sua vida com uma pessoa tão bonita. Sorriu para ela e aproximou-se um pouco mais para poder conversar com ela. A ninfa saiu do meio dos lírios cor-de-rosa. Seus cabelos eram como ouro formando uma auréola ao redor de sua bela cabeça. O seu corpo era levíssimo, cor-de-rosa e azul, mas Dick não podia ver seus pés, pois somente a parte superior do corpo aparecia entre os lírios. Ele ficou muito quieto para não a amedrontar. Por fim, perguntou mansamente se ela vivia ali o tempo todo. Ela respondeu-lhe que sim e que era o espírito dos lírios da água. Perguntou-lhe se conhecia as ondinas e ela sorrindo respondeu que eram suas irmãs.

A ninfa ia começar a falar sobre as sílfides que moravam nas nuvens fofas, quando ouviram um grito de socorro. Dick verificou de que lado vinha e, como um raio, mergulhou no lago. Com firmes braçadas nadou até uma canoa virada e salvou uma garotinha que havia caído no lago. Ela nunca estivera sozinha antes em uma canoa e não sabia com que facilidade a canoa podia virar. Inclinando-se para apanhar alguns lírios... splash!, caiu na água. Dick segurou-a firmemente com um braço e, com o outro, nadou para terra firme aonde, nesse momento, estavam reunidas várias pessoas que haviam ouvido também o grito de socorro.

O pai de Virgínia (sim, este era o nome da menininha) apertou a mão de Dick, agradecendo por ele ter salvado a sua filha. Elogiou a coragem de Dick e disse:

- Mas isso não foi só coragem, meu rapaz, foi também ação.

Veja bem, Dick não tinha parado nem um minuto para pensar no perigo que ele mesmo estava correndo, pois sabia que tinha que agir rapidamente quando a vida de outra pessoa estava em perigo. Assim, pulara na água, esquecendo-se de si próprio, pensando somente em salvar a menina. Depois disso, ninguém mais o chamou de Dick preguiçoso: sabiam, agora, que agiria rapidamente e com coragem, sempre que houvesse necessidade de ação.

Quando a excitação passou, Dick deitou-se ao sol que brilhava, como se nada de anormal tivesse acontecido, e esperou ver novamente a ninfa das águas. Mas, quando ela apareceu para lhe sorrir, ele não a viu porque dormia profundamente.



TOMÁS PRESTATIVO

PALAVRA-CHAVE: Atração

Nossa história de hoje é sobre um menininho chamado Tomás Prestativo. Era apenas um rapazinho, mas já tinha um nome especial, pois tinha um coração muito, muito nobre. Seu nome verdadeiro era Thomas, mas todos o chamavam Tomás e seu pai acrescentou o Prestativo. Naturalmente havia uma razão para isso. Sabe qual era? Sim, vocês estão certos!

Era porque Tomás Prestativo estava sempre tentando ajudar alguém. Não importava se fosse à mãe; no preparo do jantar, a irmã; arrumando a mesa, o pai; no conserto da cerca, o irmãozinho; aprendendo a andar; o que quer que fosse, se ele estivesse por perto, estaria ajudando.

Um dia, chegou um homem a casa de Tomás Prestativo com um caminhão muito grande, carregado de pedras; despejou-as ao lado do jardim e foi embora. Logo em seguida, voltou com uma carga de areia, deixando-a em outro monte junto com alguns sacos de cal.

Tomás ficou imaginando o que seria aquilo e quando seu pai voltou, perguntou-lhe. Ficou sabendo que era para construir um muro de pedras ao redor do jardim. Isso agradou muito Tomás Prestativo, pois sabia que iria gostar muito de auxiliar o pai a construí-lo, e quanto mais pensava nisto, mais excitado ficava. Seu pai disse que se ele se levantasse bem cedo no dia seguinte, poderia ajudá-lo a colocar uma linha onde seria construído o muro. Assim, Tomás acordou cedo, vestiu-se rapidamente, amarrou seus sapatos e fez tudo tão depressa que sua mãe comentou que ele era um despertador para já estar de pé tão cedo.

O pai recomendou-lhe que tomasse um bom café da manhã, porque haveria muito trabalho a fazer. Obediente, Tomás comeu muito bem, frutas, leite e cereais, pois, queria estar preparado quando tanta coisa dependia dele. Estava

pondo o boné para sair, quando chegou um mensageiro dizendo que o Vovô estava ferido e que Papai deveria ir vê-lo imediatamente.

Pobre Tomás Prestativo! Como ficou desapontado! Também ficou triste porque seu bondoso vovô, a quem tanto amava, estava sofrendo. Teve vontade de chorar, mas queria ser forte como seu pai e resolveu, em vez de criar um problema, ir para o jardim sozinho.

Ali viu as pedras, todas numa grande pilha, parecendo que estavam esperando para serem utilizadas em um muro. Eram pedras redondas e tão redondamente simpáticas, que Tomás Prestativo achou melhor ficar por ali e brincar com elas por algum tempo. Então, ele pensou que talvez pudesse construir o muro de pedra. De repente, ouviu um sussurro:

- Você não pode construí-lo sozinho, Tomás. Não tente.

Parecia que o sussurro vinha de dentro dele mesmo.

Porém, outra voz sussurrou:

- Você pode construí-lo Tomás. Vamos, comece.

Tomás deu ouvidos à segunda voz e começou a empilhar as pedras para fazer o muro. Esqueceu-se de que lhe haviam ensinado a não se intrometer nas coisas de seu pai quando ele estivesse ausente; esqueceu-se de que não sabia como construir o muro; tudo o que pensou naquele momento foi que queria fazê-lo.

Vocês acham que ele foi capaz de construir o muro? Lógico que não!

Trabalhou bastante, até aonde pode, mas tão logo empilhava as pedras, elas caíam. Sentia-se infeliz, mas continuou empilhando-as, empilhando-as e as pedras sempre caindo, caindo. Por fim, ficou com tanto calor, cansado e aborrecido, que pôs a culpa nas pedras e decidiu parar.

Mas, que confusão ele havia feito no jardim! As pedras espalhadas por todos os lados e as flores quebradas e amassadas.

Quando o pai voltou para casa, ficou tão aborrecido, que Tomás sentiu-se envergonhado. Quando o pai lhe disse que não poderia chamá-lo mais de Tomás Prestativo se fizesse coisas desse tipo, sentiu-se ainda mais envergonhado e arrependido. Decidiu que, no futuro, só ouviria a voz do bem.

Como vocês veem, ele conhecia tudo sobre as duas vozes que falam com os meninos e meninas e também com os papais e mães. Uma era do Senhor Amor, que torna todo o mundo feliz; a outra era do Senhor Egoísmo, que traz problemas para as pessoas. Aprendeu que era muito bom ser prestativo para os outros, mas aprendeu também que deveria obedecer aos pais e não ultrapassar os limites estabelecidos por eles.

No dia seguinte, ficou olhando o pai fazer uma mistura de areia, cal e água chamada argamassa. Esta mistura seu pai espalhava entre as pedras, à medida em que ele as empilhava, fixando-as, o que as impedia de cair do muro. E assim foi construindo o muro.

- A argamassa é como o amor, disse o pai de Tomás Prestativo. Ela une as coisas.



RAIO DE SOL DOURADO E PEDRO ESPINHUDO

PALAVRA-CHAVE: Beleza

Toda vez que vocês virem um jardim com muitas e muitas flores bonitas podem ter certeza de que ali vivem Fadas; pois, as Fadas amam as flores. Raio de Sol Dourado era o nome de uma Fada de amor-perfeito, que vivia num jardim muito florido e tinha um amiguinho chamado Pedro Espinhudo. Fadas amores-perfeitos sempre vivem em flores amores-perfeitos. Ninguém consegue ver uma Fada amor-perfeito a não ser que tenha um par de binóculos de Fada e como não se pode comprá-lo numa loja, muito poucas pessoas possuem um.

Mas, vou contar-lhes como podem descobrir se uma Fada mora em um amor-perfeito. Se você puder sentir um perfume delicado e doce, pode ter certeza que ali vive uma Fada; e quanto mais você amar o cheiro doce, tanto mais bela será a Fada.

Raio de Sol Dourado vivia em um amor-perfeito amarelo, que parecia ouro quando o Sol brilhava sobre ele. Havia outros amores-perfeitos que eram muito bonitos, mas o amarelo era o mais bonito de todos. Agora, vocês sabem que Raio de Sol Dourado era uma Fada maravilhosa, e que tinha uma casa muito bonita.

Seu vestido era de gaze delicada, tecida com raios de Sol; nos cabelos trazia uma estrela brilhante que competia com a luz de seus lindos olhos, sempre cheios de amor e felicidade. Seu rosto era muito bonito e a doçura de seu sorriso era algo para lembrar sempre, tinha os pés e as mãos minúsculas, e a voz assemelhava-se à música de um sininho.

Como Pedro Espinhudo a adorava! Pedro era um pequeno sapo; um sujeitinho muito bonito, de acordo com sua mãe, e tinha um corpinho redondo e chato como um botão, cabecinha numa extremidade e cauda na outra. Tinha dois olhinhos brilhantes, sempre bem abertos para verem este mundo maravilhoso.

Da ponta da cabeça, dorso abaixo, até a pequenina cauda, havia fileiras de espinhos pontudos, que o tornavam notável e era a razão de seu nome, “Pedro Espinhudo”. Ele também tinha quatro perninhas curtas e quatro pezinhos pequenos. Quando ficava deitado, quieto, sob uma ameixeira, você provavelmente o confundiria com uma folha caída, a não ser que você tivesse olhos muito vivos, pois sua cor era a de uma folha seca.

Todas as manhãs, quando acordava, Pedro Espinhudo pedia à mãe se podia ir visitar a linda Fada amor-perfeito. E mamãe sapa respondia invariavelmente:

- Sim, Pedro, mas primeiro precisa lavar o rosto, escovar os dentes e tomar sua refeição, depois pode ir.

Raio de Sol Dourado costumava contar-lhe lindas histórias, e todos os dias havia uma nova para ser ouvida. Uma vez, a Senhora Camundongo ouviu a Fada contar a Pedro Espinhudo a seguinte história:

Em uma manhã, bem cedinho, Raio de Sol Dourado disse ter sido acordada pelo canto de um pássaro zombeteiro. Era uma melodia alegre e tão linda, que ela levantou a sua cabeça úmida de orvalho, e enviou-lhe uma mensagem de agradecimento. O pássaro ficou tão contente, que ele veio e pousou na cerca próxima a ela, cantando outra melodia maravilhosa.

Aí chegou o entregador com o jornal da manhã, parecendo tão azul de frio que Raio de Sol Dourado imaginou o que ela poderia fazer para aquecê-lo. Tudo o que conseguiu pensar foi enviar-lhe um pensamento de amor. E você sabe que assim que ele o recebeu, começou a assobiar e a sentir-se feliz?

Um pouco mais tarde, duas crianças entraram no jardim, um menino e uma menina e, realmente, eles estavam quase brigando. O menino tinha uma expressão carrancuda em seu rosto e parecia muito zangado e a pequena menina também. Eles tinham um gatinho que um tentava tirar do outro. O pobre animalzinho gritava de medo e de dor.

- Meu Deus! Meu Deus! disse Raio de Sol Dourado, isso nunca vai terminar.

Pediu para o Vento de Oeste fazer o favor de levar-lhes uma mensagem de amor e ele o fez alegremente; soprou no rosto das duas crianças o suave perfume da Fada amor-perfeito. Nesse instante, o menino parou de puxar o gatinho, a menina sorriu para ele e o gatinho começou a ronronar mansamente. Todos ficaram felizes.

Pedro Espinhudo disse a Raio de Sol Dourado que gostaria de ser uma Fada amor-perfeito para poder tornar as pessoas felizes. Ela respondeu que tanto pequenos sapos espinhudos, como quaisquer outras criaturas poderiam proporcionar felicidade aos outros, se pelo menos tentassem. E lá se foi o sapinho pulando para casa para contar tudo isso à sua mãe. Mas, antes de partir, lembrou-se de agradecer a Raio de Sol Dourado pela linda história.



O TÔNICO DO GAFANHOTO

PALAVRA-CHAVE: Estabilidade

Um dia, uma linda joaninha estava sentada em um botão de rosa que crescia no jardim. Era um jardim com muitas árvores maravilhosas, flores lindas e folhas verdes delicadas. A joaninha estava muito elegante em sua capa vermelha e, enquanto mordiscava sua refeição da manhã, quem ela vê espiar ao seu lado, senão um grande gafanhoto!

- Bom dia, Senhor Gafanhoto, disse alegremente.

Percebeu que o gafanhoto não estava dando grandes saltos e nem voando pelos ares como geralmente fazia. Devia estar com algum problema. O que seria? Estava mancando apoiado em uma muleta e andando com muita dificuldade. Tinha a cabeça amarrada com um pedaço de flanela vermelha e parecia, oh!, tão pálido e verde! A joaninha percebeu que algo de terrível devia ter acontecido.

- Então, Senhor Gafanhoto, perguntou a joaninha preocupada, está doente?

O Gafanhoto olhou para ela e tinha grandes lágrimas nos olhos quando lhe contou que havia se esquecido de vestir seu gorro de dormir quando foi para cama na noite anterior, e pegara um terrível resfriado quando o nevoeiro soprou do mar. Agora estava com uma grande dor de cabeça, espirrava a cada minuto e sentia-se muito mal, mesmo.

- Por que está usando uma muleta? – Quis saber a joaninha. Quebrou o seu saltador?

Ela queria dizer a sua perna, naturalmente, mas, não era considerado educado dizer “perna” por isso disse “saltador”. Era muito bem educada, pois havia frequentado a Escola Maternal do Senhor e Senhora Besouro, embaixo da parreira, onde todas as joaninhas, formigas, besouros e outros bichinhos aprendiam boas maneiras.

- Estou com reumatismo, fungou o gafanhoto, e é uma coisa muito séria.

E era sério mesmo, pois, a perna do Gafanhoto é uma grande parte dele, o que significa que a dor é também muito grande. Assim, não era de admirar que o pobre coitado gemesse e se sentisse tão mal, perdendo até o apetite.

- Sinto muito por você, disse a joaninha. Acho que se você tivesse uma pequena *estabilidade*, logo sararia. O Gafanhoto não sabia o que era “estabilidade” e nem sabia ao certo que gosto tinha, por isso ele sentou-se e chorou.

A joaninha sentiu mais pena dele do que nunca. Tirou sua capinha vermelha e colocou-a sobre o Gafanhoto para aquecê-lo e disse-lhe que se animasse.

Voou então para a casa do Dr. Abelha Atarefado. O médico estava tomando sua refeição de mel, mas, logo que ouviu falar sobre o estado do Gafanhoto, colocou o seu chapéu, pegou sua malinha preta e saiu imediatamente.

Encontrou o Gafanhoto apoiado em uma roseira.

- Ponha a língua para fora, pediu o Dr. Abelha Atarefado.

O Gafanhoto abriu a boca só um pouquinho e mostrou a pontinha da língua.

- Abra bem a boca, insistiu o médico, e estique a língua o máximo que puder.

Assim fez o Gafanhoto e que língua grande ele tinha!

- Hum! disse o Dr. Abelha Atarefado. Você precisa é de uma boa dose de estabilidade.

- Foi isso o que a joaninha disse, choramingou o Gafanhoto. Tem gosto ruim?

- E agora, o que há com sua perna? continuou o Dr. Abelha Atarefado, sem dar atenção à pergunta do Gafanhoto e pegando a perna para examinar.

- Ui! guinchou o Gafanhoto. Dói!

- Tome um pouco de estabilidade, disse o médico, e você logo ficará bom.

- Como posso consegui-la? perguntou o Gafanhoto debilitado.

- Vou dar uma receita, respondeu o doutor, tirando da malinha preta uma folha de papel e escrevendo alguma coisa nela, com um lápis.

Deu o papel ao Gafanhoto dizendo-lhe que fosse com a joaninha até a Escola Maternal debaixo da parreira e o entregasse para o Senhor ou Senhora Besouro. Então, voou para casa a fim de terminar sua refeição de mel da manhã.

- Venha e lhe mostrarei o caminho, acrescentou a joaninha, ajudando o Gafanhoto a levantar-se.

Quando chegaram à Escola Maternal deram a receita à Senhora Besouro que a leu e depois a entregou ao marido que parecia ser muito severo.

- Nunca é tarde para aprender e corrigir-nos, disse ele.

Colocou o Gafanhoto em uma classe junto com alguns bichinhos, formiguinhas e outros insetos jovens, para aprenderem uma música com estas palavras:

- Todos os dias e de todas as maneiras, devemos amar-nos uns aos outros.

Puxa! Como era grande o Gafanhoto perto dos *outros*. Mas veja, ele não havia aprendido essa lição quando garotinho e tinha que aprender agora. E vocês sabem, este foi o tônico que o curou, aprendendo a amar as pessoas. Isso foi o que a joaninha e o Dr. Abelha Atarefado entenderam quando lhe disseram que precisava de estabilidade, pois quando amamos nossos semelhantes, todos podem contar conosco para fazer a coisa certa, e isto é estabilidade.

Quando o Gafanhoto aprendeu a amar as pessoas, ele tornou-se sadio, feliz e sábio e sarou do seu reumatismo. Então, jogou fora a sua muleta, conseguiu saltar ainda mais longe do que antes e tão alto, que quase não se conseguia vê-lo.

O melhor de tudo é que, quando aprendemos a amar as outras pessoas e conseguimos sarar das doenças, tornamo-nos sadios, felizes e sábios também.



OS GÊMEOS

PALAVRA-CHAVE: Razão

Bento e Bernardo eram irmãozinhos gêmeos. Moravam no bonito estado da Califórnia, onde o Sol brilha quase todos os dias e as crianças podem sair de casa para brincar ao sol.

Eles tinham feito cinco anos na véspera e tinham ido pela primeira vez à escola. Todas as noites, mamãe permitia que brincassem meia hora com seus brinquedos, antes de irem para a cama. Esta noite eles estavam brincando de escola, contando os pequenos blocos de madeira com figuras de animais e com letras de A, B, C, etc. Talvez vocês também tenham alguns brinquedos iguais a esses.

De repente, mamãe, que conversava na cozinha com Jane, sua filha mais velha, de dez anos, ouviu as vozes alteradas dos dois meninos.

- Está certo, dizia Bernardo.

- Não está, dizia Bento.

- Está.

- Não está.

- Pelo amor de Deus, disse a mãe a Jane, ouça esses meninos!

Querendo saber o que estava acontecendo, foi à sala de jantar, onde eles brincavam. Viu dois rostinhos perturbados e Bernardo segurando um bloco em cada mão.

- Mamãe, disse Bento. Bernardo quer fazer três blocos de dois; escute o que ele está dizendo.

Segurando os blocos no alto, um em cada mão, Billie exclamou:

- Olhe mamãe, este bloco é um, não é?

Sim, respondeu a mãe.

- E este outro bloco é dois, não é? - Sim, Bernardo, é claro, concordou.

- Então, disse Bernardo, um e dois fazem três, não é, mamãe?

- Mas você só tem um bloco em cada mão, Bernardo, argumentou a mãe, e um mais um são dois; porém, se você tivesse dois blocos em uma das mãos e um na outra, aí então seriam três.

- Mas, mamãe, insistiu Bernardo, um e dois fazem três, não é?

- Bento, Bernardo, vejamos, disse Mamãe. Suponha que você dá um bloco para Bento, um para a mamãe e você fica com o *terceiro*.

Bernardo deu um bloco para Bento e um para a mãe e, como era de se esperar, não restou nenhum para ele, o que o deixou muito embaraçado. Essa foi a maneira como aprendeu a pensar por si mesmo e usar a sua mente.

Mamãe ficou contente porque mostrou que os gêmeos tinham começado a usar os olhos, os ouvidos e a mente, e isto eles estavam começando a aprender na escola.

- Agora, crianças, disse Mamãe, como estamos novamente felizes, guardem os brinquedos direitinhos e vamos para a nossa história de hoje.

Todos os dias, a mãe contava uma história sobre alguém que havia feito alguma coisa de valor para ajudar o mundo. Antes já falara sobre um homem chamado Bell, que havia inventado o telefone, e sobre Edison, que havia feito coisas maravilhosas com a eletricidade. Nesta noite, contou-lhes a história de Henry Ford, que fabricara muitos automóveis e tornara muitas pessoas felizes, porque os preços dos carros não eram muito altos, e assim elas podiam chegar mais rápido e facilmente ao trabalho durante a semana. Aos domingos, após a Escola Dominical, elas podiam passear e mostrar às suas respectivas famílias as belas paisagens do campo.

Essa história fez com que os gêmeos desejassem crescer e se tornarem homens, para que também pudessem fazer coisas úteis neste belo mundo de Deus. A mãe disse-lhes que para isso deveriam ir à escola, onde poderiam aprender muitas coisas úteis. Recomendou-lhes também que não deveriam brigar mais um com o outro; quando discordassem sobre alguma coisa, pedissem ajuda de alguém mais velho para resolver o problema. Desse modo, estariam usando a *razão* e crescendo tanto em bondade como em sabedoria.



BENNIE, O CACHORRINHO

PALAVRA-CHAVE: Proporção

Os gêmeos, Bento e Bernardo, estavam de volta à sua linda casa no Boulevard Plymouth, em Los Angeles. Alguém lhes dera de presente um cachorrinho, que chamava Bennie. Eles o amavam muito e o animalzinho muito feliz brincando com eles.

Um dia, ficaram sabendo que todos aqueles que tivessem um cachorro, tinham que prendê-lo e não deixar que corresse nas ruas, pois alguns cachorros tinham mordido algumas crianças. Os gêmeos ficaram tão receosos de perder o Bennie ou que algum homem da prefeitura o apanhasse e o levasse embora, que planejaram sem dizer nada a ninguém ou a mãe, o que iriam fazer. Como consequência, quase mataram o pobre do cachorrinho, o que prova que é melhor consultar mamãe, antes de fazer qualquer coisa importante.

Na parte de trás da casa havia um armário muito pequeno e escuro, onde mamãe guardava todas as roupas e sapatos que não eram mais usados e, de vez em quando, o Exército da Salvação passava e levava tudo embora. Uma noite, quando mamãe havia saído, os gêmeos pegaram uma tigela de leite na geladeira e a colocaram no armário. Depois foram buscar uma das almofadas da sala de estar e a levaram para lá. Pegaram o cachorrinho e mostraram-lhe o leite. Quando o bichinho entrou para bebê-lo, fecharam a porta. O cachorrinho ficou tão entretido lambendo o leite que não percebeu que os meninos estavam fechando a porta e os gêmeos foram para a cama contentes, pois sabiam que ninguém iria tirar o cachorrinho deles.

Janete achou falta do leite e, na manhã seguinte, os gêmeos ouviram-na dizer isso para a mãe. Sentiram-se culpados, mas não disseram nada.

Depois do café da manhã foram dar uma espiada no seu cachorrinho, no armário e como vocês imaginam que o encontraram? Ele estava todo encolhido perto da porta, tentando respirar, já quase sem forças para se mover.

Os gêmeos chamaram a mãe aos gritos, que veio correndo com a Janete para ver o que tinha acontecido. Vendo o pratinho de leite, ela adivinhou o que acontecera. Pegou o coitado do cachorrinho e o levou para o ar fresco. Janete pegou um pouco de água e, abrindo a boca do cachorro foi despejando um pouquinho de líquido de cada vez. Por fim, o animalzinho começou a reviver, abriu os olhos e pôs-se a ganir. Mamãe pegou uma caixa de madeira, colocou nela um saco limpinho e levou o cachorrinho para tomar sol.

Os gêmeos então contaram à mãe por que haviam feito aquilo. Ela explicou que a porta do armário fechava muito bem e não havia buraco para deixar entrar o ar. O cachorrinho tentou respirar ficando o mais perto que pôde da fenda sob a porta; mas, ela era tão estreita que não deixava passar ar suficiente e o pobre cachorro passou a noite inteira lá dentro, quase sufocando. Se os gêmeos não tivessem aberto a porta naquele momento, certamente iriam encontrar o animalzinho morto, pois os animais, como os seres humanos não podem viver sem ar.

Então, Mamãe levou os gêmeos à seção de brinquedos de uma grande loja no centro da cidade e comprou para cada um deles uma daquelas bexigas que você assoprava e ficaram bem grande. Bento e Bernardo tentaram ver quem assoprava mais. Quando pararam de assoprar, o ar saiu e as bexigas murcharam. Mamãe explicou-lhes que foi assim que o cachorrinho se sentiu quando o ar saiu de seus pulmões e não havia mais ar para respirar.

Esta foi outra lição que os gêmeos aprenderam e que, por pouco, não se tornou uma lição muito triste.

.☆☆☆☆☆☆

A CORRENTE DAS ROSAS BRANCAS

Vocês, crianças, que nós amamos – e sabemos que vocês nos amam também, gostariam de se unir a nós para formar uma corrente de rosas brancas, capaz de rodear o mundo? Isso seria uma coisa muito bonita e útil para fazermos.

Se mantivermos nossos corações puros e ternos, assim como uma rosa branca, o Amor unirá os nossos corações. Começemos agora mesmo. Todas as manhãs, vamos dizer a nós mesmo:

Hoje vou ter bons pensamentos,
E vou praticar somente boas ações.
Para todas as coisas viventes, bom serei,
Meu coração será como uma rosa branca e pura,
E, em tudo que me rodeia, a Deus verei.



PINTADINHA

PALAVRA-CHAVE: Amor ao Lar

A história de hoje é sobre uma galinha chamada Pintadinha. Ela pertencia a uma menina chamada Shirley.

Pintadinha morava no campo, em uma grande fazenda, com muitas outras galinhas e um Papai Galo. Lá também haviam cavalos e muitas vacas.

Era um lugar muito interessante para se viver. Havia muitas coisas para serem vistas e muito trabalho para fazer. Havia campos de cereais, de capim, de trevo; também um pomar com pêssegos, damascos, uvas e muitos outros tipos de frutas. Os cavalos puxavam os arados e faziam sulcos no solo para que as cenouras, as beterrabas, as outras verduras, os cereais e as frutas crescessem direitinho. As vacas se ocupavam comendo capim e trevo e transformando-os no rico leite para os meninos e meninas beberem.

Até o grande Papai Galo estava sempre ocupado procurando uma minhoquinha gorda. Quando encontrava um petisco bem apetitoso não engolia vorazmente. Oh, não! Era cavalheiro demais para fazer isso. Segurava-o gentilmente no bico e chamava na sua linguagem de frango:

- Venham queridas, tenho uma coisa deliciosa para vocês.

Quando as galinhas ouviam isso, nossa, que correria! Com as asas abertas, cada uma corria o mais que podia. Pintadinha era uma galinha tão esperta, que geralmente chegava primeiro e comia o bichinho.

Se um gavião voava baixo, procurando uma chance de se lançar sobre uma galinha, como Papai Galo ficava indignado! Avisava as suas galinhas para se esconderem rapidamente sob o pé de pimenta, eriçava as penas do pescoço e se preparava para a batalha. Parecia tão ameaçador e pronto para a luta, que o gavião sempre fingia estar procurando alguma coisa no campo vizinho e não parava.

Pintadinha, muitas vezes, gostaria que o galo não levasse tão a sério seu dever de chamar as galinhas para se levantarem de manhã. Porém, isto era um dos seus deveres e como ele era um sujeito muito consciencioso, nunca deixava de cumprir suas obrigações. De manhã, bem cedinho, costumava ficar de pé no poleiro e gritar bem alto:

- Có-có-ri-có - era o seu modo de dizer: “É hora de levantar-se, minhas queridas”.

- Oh, que coisa! – pensava Pintadinha - Certamente, não pode ser ainda hora de levantar. Estou com tanto sono!

Lembrava-se que um dia, Papai Galo se enganara numa linda noite de luar. Pensando que já era dia, chamou- as para se levantarem no meio da noite. Naturalmente, Pintadinha nunca mencionava o ocorrido para não magoar seus sentimentos, mas quando o escutava chamar, costumava abrir um pouquinho um olho e dar uma espiadela. Se estava escuro, colocava a cabeça em baixo da asinha e tirava outra soneca. Quando ele começava a cantar novamente, sabia que era melhor levantar e se vestir depressa para não chegar atrasada para a refeição.

“Vestir-se?”, exclamam vocês. Ora, sim, vocês não sabiam disso?

Naturalmente as galinhas não se vestem da mesma maneira que os meninos e meninas, pois não tiram suas vestes de penas nem de dia nem de noite. Sabem como Pintadinha se vestia? Quando se levantava, ou melhor, pulava do poleiro, a primeira coisa que fazia era chacoalhar-se. Não era uma chacoalhadinha só, mas, uma bem grandona; tão grande e forte que todas as suas penas ficavam soltas e fofas. Então, corria para beber um pouco de água, levantando a cabeça, quando bebia, como se fosse para agradecer. Sua ocupação seguinte era alisar as penas com o bico até que ficassem macias e lisas. Tinha uma maneira original de cuidar da cabeça. Simplesmente levantava o pé e coçava a cabeça usando as unhas como pente. Vocês não acham que ela era esperta?

Quando todas as galinhas estavam prontas, Bento, o irmão de Shirley, aparecia com a refeição. Podem ter a certeza, elas sempre se alegravam com sua chegada.

Bento era muito brincalhão. Costumava dizer a Shirley que o nome certo para Pintadinha era “Sardentinha”, pois ela tinha pequeninas manchas marrons no corpo inteiro; Shirley, no entanto, achava Pintadinha mais bonito.

Um dia, Shirley entrou correndo em casa, toda alvoroçada, chamando pela mãe:

- Mamãe! Mamãe! Venha ouvir a Pintadinha! Depressa! Ela está aprendendo a cantar com o Dino (Dino era o canário).

A mãe riu e disse:

- Está bem, querida, espere um pouco só; vou ver se seu irmãozinho está dormindo.

E, com Shirley saltitando a seu lado, foi ver Pintadinha. E lá estava a galinha, com a pequena crista vermelha da cor de uma cereja, correndo pelo galinheiro e soltando um gritinho feliz: “Có-có, có-có-có”, justinho como se fosse uma canção. Realmente, era uma canção de alegria porque se sentia muito feliz.

Mamãe sorriu e ajudou Shirley a preparar, em uma caixa, um bonito ninho de palha para Pintadinha. Alguns dias depois, Pintadinha cantou outra canção. Era uma canção de alegria também, mas os seres humanos que não sabem como dar um nome a esse cantar chamam-no de cacarejo. Pintadinha havia botado um ovo no seu ninho e estava anunciando a boa notícia para todas as amigas, de modo que pudessem se alegrar com ela. Elas cacarejavam também e o grande galo as acompanhou, portanto, o barulho foi grande. Quando Bento voltou da escola, Shirley lhe contou tudo e, segundo ele, as galinhas haviam iniciado um “pequeno conjunto vocal”. Como Bento é sabido! Não acham?

OS NOVOS PINTINHOS

PALAVRA-CHAVE: Amor Materno

Vocês todos se lembram do alvoroço que aconteceu entre as galinhas, quando Pintadinha botou seu primeiro ovo no ninho preparado por Shirley para ela?

Houve uma razão para isso. Os ovos são coisas maravilhosas. Não só são bons para comer, como também é a origem de novos pintinhos. As galinhas sabem disso e ficam contentes. Essa é a razão porque as galinhas cacarejam suas lindas canções quando botam um ovo. Pintadinha estava agora muito ocupada e feliz. Todos os dias cantava sua canção: “Có-có-có-có-ró”, que queria dizer: “Vou botar um ovo”. Então, saía, sentava-se no ninho e sonhava com o futuro. Depois que botava o ovo, saía voando do ninho e cacarejava alto: “Botei um ovo, botei um ovo”.

Quando já havia uma dúzia de ovos no ninho, Pintadinha achou que era suficiente poder cobri-los bem com suas asas. Amava tanto seus ovos, que decidiu ficar com eles bem aconchegados ao seu peito. E assim, em vez de ficar no pátio com as outras galinhas, apreciando o calor do sol, ficava o dia inteira sentada sobre os ovos. Só os deixava por alguns minutos quando saía apressada para buscar água ou comida. Tinha um modo muito engraçado de dizer as outras galinhas que andava ocupada demais para visitá-las. “Có-có-có” dizia, enquanto comia apressadamente para voltar correndo ao ninho. Não queria que seus ovos esfriassem; esse era o motivo de sua pressa.

Pintadinha sabia muitas coisas para uma galinha de seu tamanho e como conseguiu aprender tudo isso era um mistério que muito poucas pessoas sabiam. Não só sabia como manter os ovos bem quentinhos, como também sabia virá-los todos os dias. Como é que ela fazia isso, vocês sabem? Não tendo mãos como nós, acham que os arrastava com os pés? Oh! não! Isso seria muito rude. Ela os virava delicadamente com o bico, um ovo após o outro, até virar todos. Como ela sabia que uns já tinham sido virados e outros não, é

ainda um mistério. Levava muito tempo nisso, mas nunca parava até estarem todos virados, sem se importar com o cansaço.

Todos os dias, Shirley saía para ver Pintadinha e dar-lhe alguma coisa saborosa para comer. Pintadinha estava ficando tão magra que parecia cansada e fraca. Sua crista que costumava ser bem vermelha antes estava pálida.

Mesmo assim, sentava-se no ninho, pacientemente, mantendo os ovos quentes com seu corpo. Em uma manhã, porém, teve uma experiência maravilhosa.

Sentiu um movimentozinho embaixo do seu peito. Um dos ovos parecia vivo, depois outro e outro. Oh, como isso a emocionou! Coraçõezinhos estavam batendo dentro dos ovos, corpos pequeninos lutavam para quebrar as suas cascas de prisões, pintinhos, preparando-se para abandonar os ovos.

- Meus nenês! Meus queridos nenezinhos! Sussurrava Pintadinha. Vão sair logo da casca!

Nesse dia, não largou o ninho nem por um minuto.

Shirley lhe trouxe um pouco de pão macio embebido em leite e ela comeu agradecida.

Pintadinha podia ouvir as bicadinhas dos pintinhos tentando quebrar suas cascas. Um após outro conseguiram fazer uma abertura minúscula. Assim que respiraram o ar em seus pequenos pulmões, sentiram-se tão fortes que esticaram as suas perninhas e empurraram a casca com toda força que podiam. Pouco a pouco, conseguiram partir as cascas em dois e saíram aos tropeços para se aninharem entre as penas macias de sua mãe, Pintadinha.

No dia seguinte, quando Shirley foi ver Pintadinha, ouviu tanto “Piu-Piu,” que imediatamente soube que os pintinhos tinham nascido. Foi correndo chamar a mãe para vê-los. Quando entraram no galinheiro, um pintinho pôs a cabecinha para fora, a fim de olhar o mundo maravilhoso. Era tão bonitinho que Shirley teve vontade de pegá-lo. Mas, quando estendeu a mão em sua direção, Pintadinha eriçou as penas e ralhou tanto, que Shirley se ofendeu. A mãe,

porém, lhe disse para não se importar, pois Pintadinha estava só chamando a atenção de Shirley para não machucar seus pintinhos; mas se ela fosse boazinha e os alimentasse todos os dias, Pintadinha confiaria nela e deixaria que os tocasse.

Então, Pintadinha e sua ninhada foram colocadas em uma casinha especial, toda de ripas, com espaço suficiente entre elas para permitir que os pintinhos entrassem e saíssem livremente. Eram tão pequeninos e macios! Shirley adorava vê-los correr por ali.

Como as crianças, os pintinhos tinham muita coisa a aprender. Quando mamãe Pintadinha os chamava “Piu-piu-piu,” logo aprenderam que ela tinha algo para comer.

A galinha segurava o alimento no bico e os pintinhos disputavam-no. Eram pintinhos tão saudáveis e famintos que estavam sempre prontos para uma nova refeição.

Como cresceram depressa! Em duas semanas tinham rabinhos muito engraçados. Em quatro semanas já estavam tão crescidos que foram colocados no galinheiro com Pintadinha. E como se divertiam correndo para todos os lados com a mãe! Ela era muito boa para eles e sabia tanta coisa! Podia escavar buracos enormes no chão para encontrar minhocas, as maiores e mais gordinhas. Podia apanhar besouros e moscas. Encontrava brotos macios no capim. Sabia quando ia chover, assim como muitas outras coisas, como se esconder de um corvo preto que vivia do outro lado do desfiladeiro.

Pintadinha ensinou essas coisas todas para os filhotes e, como vocês podem imaginar, doze ativos pintinhos para alimentar e educar era uma grande tarefa. Quando ficavam exaustos e aninhavam-se debaixo de suas asas, Pintadinha tinha sempre uma linda canção de ninar, que cantava suavemente em língua de galinha. A letra era mais ou menos assim:

- Durmam, durmam queridinhos. Mamãe os manterá quentinhos.

Eram pintinhos bonzinhos e tentavam obedecer à mãe; mas, à medida que iam crescendo, às vezes se afastavam dela para passear. Entretanto, ficavam sempre felizes quando achavam o caminho de volta para casa.



BENJAMIN

PALAVRA-CHAVE: Paciência

Benjamin era o mais aventureiro de todos os filhos de Pintadinha. Ele lhe causava realmente muita ansiedade, embora não tivesse essa intenção, naturalmente. Mesmo quando era um pintinho fofo e redondo, já se perdia fora de seu viveiro. Começava com uns gritinhos agudos de “Piu-piu-piu”, que queria dizer:

- Estou perdido, estou perdido.

Como só ia até ao lado de fora do galinheiro, Pintadinha podia ouvir seu chamado e cacarejava:

- Có, có, estou aqui, Benjamin, estou aqui.

Assim, aprendeu a confiar em sua mãe, mas não aprendeu a cuidar de si mesmo.

Perdia-se várias vezes em um dia e, no dia seguinte, a mesma coisa acontecia. Era mesmo bom que Pintadinha tivesse bastante paciência com ele, não era?

Algumas vezes, Benjamin corria para outra galinha pensando que era sua mãe. Porém, logo descobria o engano, ao ganhar uma boa bicada. Essa era a maneira de as (excluir a palavra das) galinhas puxarem as suas orelhas e o mandarem de volta à mãe.

O quintal em que Benjamin vivia era cercado por uma tela de arame. Em alguns lugares havia buracos na tela, suficientemente grandes para permitir a passagem de um pintinho. Pintadinha avisava os filhos para nunca se aventurarem fora da tela, pois havia muito perigo lá fora. Benjamin não era realmente travesso ou desobediente, mas um dia, quando estava perseguindo um besouro, atravessou um buraco na tela sem mesmo saber o que estava fazendo. Depois, quando percebeu onde estava, olhou ao redor com muita surpresa. Ele achou o lugar muito bonito e, como não visse nada que lhe

parecesse perigo, pensou que Pintadinha havia se enganado. Encontrou uma quantidade tão grande de gafanhotos para perseguir que se divertiu muito, embora fosse difícil apanhá-los. Correu e correu até ficar exausto. Quando estava quase conseguindo um gafanhoto, este voava com um farfalhar de asas e Benjamin tinha que correr atrás de outros.

Finalmente, decidiu voltar para casa e descansar sob as asas de Pintadinha. Mas onde estava sua casa? Onde estava Pintadinha? Alarmado, ele levantou sua cabeça e gritou: “Piu, piu!”. Ficou escutando, mas nem um som ouviu em resposta. Nenhum “Có, có” de boas-vindas da mãe dele. Ficou nas pontas dos pés, esticou seu pescoço e chamou, chamou, chamou até ficar rouco, mas em vão. Começou a correr, a correr em todas as direções. Suas perninhas doíam de tanto correr, mas não conseguiu achar sua casa.

- Oh, se achar o caminho de minha casa, nunca mais serei descuidado, prometeu a si mesmo. Depois piou novamente: Estou perdido. Oh! Mamãe, onde está você?

Nesse instante, Benjamin ouviu um barulhinho no capim e viu uma grande cobra rastejando. Nunca vira uma antes, mas tinha certeza de que não era uma minhoca. Deve ser perigosa, pensou, assim correu o mais rápido possível, soltando gritos de medo. Ficou novamente na ponta dos pés e soltou um grito desesperado de socorro.

A sombra de um gavião voando baixo sobre sua cabeça projetava-se ao longo do gramado. Foi bom para Benjamin que Pintadinha tivesse ensinando muito bem seus filhos a se esconderem de coisas que voavam. Escondeu-se dentro de um arbusto, chorando baixinho e tremendo de medo. Depois de algum tempo, saiu do esconderijo, gritando novamente pela mãe.

O Sol já se punha e logo chegaria à noite. Como poderia ficar ali sozinho, naquele campo enorme? Só de pensar nisso tremia de frio e medo. Caminhou

sem rumo, por um longo tempo, tropeçando em galhos e pedras por estar muito cansado e fraco, soltando a cada momento um grito desesperado:

- Mamãe estou perdido, estou perdido. Oh, Mamãe, onde está você?

Já estava para desistir quando pareceu ouvir, à distância, a voz da mãe dele. Ficou à escuta. Sim, tinha certeza. O “Có-có” da mãe era a música mais linda para o ouvido dele. Esqueceu-se o quanto estava cansado e como correu! A cada momento parava e chamava:

- Onde está você?

- Estou aqui, respondeu Pintadinha.

Correu, então, na direção da voz dela. Finalmente, chegou à cerca, mas tão cansado que não conseguiu encontrar o buraco. Pintadinha ficou cacarejando, encorajando-o a não desanimar e finalmente ele encontrou o lugar certo e entrou no quintal. Coitado do pequeno, empoeirado e cansadíssimo Benjamin. Correu para baixo das asas de sua mãe e aninhou-se bem juntinho dos irmãos e irmãs. Que lugar maravilhoso era sua casa! Nunca mais seria descuidado a ponto de perder-se. Nunca se esqueceu da cobra e do grande gavião. Aprendera uma lição que jamais esqueceria.



CUFFEE

PALAVRA-CHAVE: Afeição

Beto queria um cachorro. Foi mesmo a primeira coisa que ele quis na vida e se lembrava muito bem disto, e já fazia muito, muito tempo; porque meninos e meninas também podem se lembrar de coisas passadas, se pensarem bastante sobre elas.

Bem, quanto mais Beto pensava como seria bom ter um cachorro, tanto mais queria ter um.

- Oh! dizia ele, se eu tivesse um cachorro, seria o menino mais feliz do mundo!

E que tipo de cachorro vocês acham que Beto queria? Um collie? Um fox? Lógico que ambos são bons cachorros; mas não, Beto não queria nem um, nem outro, e nenhuma raça especial de cachorro; queria um companheiro, um amigo para amar, que fosse alegre e divertido.

Finalmente, Papai e Mamãe concordaram em arrumar-lhe um cãozinho. Como o garoto ficou contente! Pensava que encontraria o tal cachorro imediatamente. Mas, depois de se passarem semanas e semanas, viu que não era tão fácil assim, pois, apesar de suas buscas, ainda não tinha cachorro. Havia muitos cachorros por aí, mas nenhum cujo dono estivesse disposto a dá-lo de presente. Havia o inteligente collie do tio Bruno, por exemplo, mas Beto sabia que não adiantava pedir, pois, tio Bruno precisava dele para trazer as vacas na hora da ordenha. Havia também o pequeno poodle da tia Matilde, mas ela não se separaria dele.

Mas, em algum lugar do mundo deveria haver um cachorro que lhe fosse destinado, sendo assim, Beto em vez de ficar sentado e chorar, continuou procurando, pois, era realmente um garotinho inteligente. Toda vez que encontrava um homem, perguntava-lhe:

- Por favor, Senhor, onde posso encontrar um bom cachorro?

O homem quase sempre conversava algum tempo com ele até descobrir que tipo de cachorro queria e a resposta era:

- Não, meu rapazinho, não sei. Mas se eu souber de alguém que tenha um cachorrinho bonito para lhe dar, avisarei.

E a intenção do homem era mesmo essa, pois ainda se lembrava do tempo em que era criança e tinha um cachorro que amava; entretanto, se também não tivesse tido um cãozinho, sabia perfeitamente quanto o desejara naquela época.

Finalmente, quando Beto já estava bastante desanimado, chegou um homem com um cachorrinho chamado Cuffee. Que nome estranho para um cachorro! E que cachorrinho desganhado e desajeitado era Cuffee! Mas Beto não pensou assim, nem por um minuto. Para ele, aquele cachorrinho estranho e magricela, com pelo marrom, áspero como arame e com seus esquisitos olhinhos marrom-avermelhados que brilhavam como duas bolas de fogo, era uma criatura linda. Quando correu para afaga-lo, uma pequenina língua vermelha e úmida esticou-se para lambe-lhes os dedos, dando-lhe uma estranha e vibrante sensação e ele teve a certeza de que o cachorrinho tinha gostado dele. Tremendo de emoção e quase que temendo perguntar e ficar desapontado olhou para o homem, que estava sorrindo, e pediu-lhe se podia ficar com o cão.

- Ora, sim, filho, respondeu o homem, pode ficar com ele, se o quer tanto.

Fiquei sabendo que havia um menino por aqui querendo um cachorro, por isso o trouxe. Você é o garoto?

Com os olhos brilhantes, Beto assegurou-lhe que era, e ajoelhou-se para abraçar o animalzinho.

- Oh, Beto, protestou sua irmã Helena, ele é tão feio. Espere mais um pouco para ver se arruma um cachorrinho gordinho e fofo como o da tia Katia.

- Não é a aparência que conta, senhorita, disse o estranho, e sim o que o cachorro é. Este aqui vale muito. Não tem medo de nada. Quando ficar um pouco mais velho e engordar um pouquinho, vai ficar uma beleza. Mas você tem que tratar bem dele, filho, ou ele não vai prestar para nada.

- Serei bom para ele, prometeu Beto, quase sem folego, tentando se esquivar de uma amigável lambida no rosto. Desce Cuffee, desce! ordenou energicamente.

- Assim é que se fala com ele, filho, mas não bata nele para não o estragar. Naturalmente ele vai fazer alguma travessura, o que é de se esperar de um bichinho ou de uma criança. Os cachorros têm que ser educados como os seres humanos, e aprender o que é certo e o que é errado.

No minuto seguinte, a confusão era total. De um salto, Cuffee deixou Beto estatelado no chão, tropeçando em Helena que caiu, e partiu a toda pressa atrás de uma risca preta e branca que passou voando e subiu ao alto da vara de roupas. Cuffee ficou embaixo, latindo. Mickey, o precioso gatinho de Helena, curvou-se no alto da vara, tendo o pelo todo eriçado, o rabo levantado e olhou fixamente para Cuffee, tentando desafiá-lo.

- Cuffee é um cachorro mau, soluçou Helena, levantando-se e correndo para salvar o gatinho.

- Não, não é mau, Helena, acalmou-a a mãe. Apenas um cachorrinho ignorante que não aprendeu ainda a ser amigo de gatos. Leve Cuffee embora, Beto, e o amarre até Mickey se recuperar do susto.

Enquanto amarrava Cuffee, Beto falava com ele num tom tão magoado que o cãozinho ficou triste e confuso, pôs o rabinho entre as pernas e estendeu a patinha como que pedisse um aperto de mão ao Beto com jeito tão bajulador

que o menino teve que rir. Vocês percebem que Cuffee precisava ser ensinado a diferenciar o certo do errado, pois, quando não se sabe é fácil cometer um erro, não é?



CUFFEE E PORQUINHO NANICO

PALAVRA-CHAVE: Generosidade

Vocês sabem o que é um nanico? Não? Então vou lhes contar. Um nanico é um animal que não cresceu o quanto deveria. Existe, geralmente, em todas as famílias de porquinhos um nanico – um coitado de porquinho que é menor e mais fraco que seus irmãos e irmãs. Quantos de vocês já viram um porquinho desses? São animaizinhos tão esquisitos e gritam tanto! Um nanico não é acariciado e mimado por sua mãe e por isso não tem chance de tornar-se grande e ficar forte. Realmente, ele é sempre empurrado de um lado para outro, como se ninguém o amasse.

Na hora das refeições, quando a grande mamãe porca chama os filhotes para jantar, vocês deveriam ouvir o barulho que eles fazem. Talvez vocês até tapassem os ouvidos para não ouvir, pois quando a mãe guincha cada um corre e grita mais que o outro. “Wee-ee-eh, wee-ee-eh”. Grunhindo e gritando, procuram conseguir o melhor lugar para comer mais que os outros.

Realmente, o barulho é bem desagradável. E o coitado do porquinho nanico é empurrado de um lado, derrubado de outro e é até de se admirar que consiga comer alguma coisa. Como vocês veem a mamãe porca nunca se incomoda em ensinar aos filhotes as boas maneiras a mesa, nunca tendo aprendido também. Ela simplesmente deixa que comam como quiserem. Assim, se os porquinhos são gulosos e egoístas, não devemos nos admirar, pois nunca foram ensinados a se comportarem de maneira melhor.

Não seria chocante se nos deixassem crescer desse jeito e se nossas mães e professores nunca nos ensinassem a respeitar os outros? Ora avançaríamos e empurraríamos uns aos outros rudemente. Iríamos querer o melhor de tudo para nós mesmos, ser sempre os primeiros, e não teríamos boas maneiras à mesa. Na verdade, seríamos tão gulosos e egoístas como os porquinhos, não é mesmo? Mas sabemos também que essa não é a melhor maneira de sermos

felizes, não é? Assim, devemos nos lembrar do que o belo Anjo Planetário, Saturno, nos diz. Quem se lembra o que Saturno diz? Ele nos diz:

- Parem e Pensem.

Se pararmos e pensarmos poderemos fazer muitas coisas bonitas e úteis.

Bem, voltando ao porquinho nanico, ele vivia na fazenda do pai de Bento e dava pena ver o coitadinho. Ele era pele e osso! Mas ele era muito forte em uma coisa – sua voz. Podia gritar mais alto do que todos os irmãos e irmãs. E que gritos desagradáveis também.

Talvez vocês se lembrem de como, em nossa última história, Mickey, o gato, ficou perturbado ao ser perseguido por Cuffee. Mas, Mickey não foi o único animal a ser perturbado por Cuffee. Todos os cavalos, vacas, porcos e galinhas eram de alguma forma, molestados pelo cãozinho, que tinha a mania de correr no meio deles. Era realmente muito ativo e brincalhão, achando que era seu dever manter ativos todos os outros animais. Quando os cavalos estavam trabalhando, disparava atrás deles, latindo e mordendo suas patas traseiras. Gostava de fazer uma agitação total entre as vacas, costumava segurar o rabo delas fazendo-as disparar pelo pasto afora. Quanto aos porcos, gritavam e grunhiam quando Cuffee lhes mordida as orelhas, enquanto que as galinhas estrilavam e batiam as asas, cacarejando feito louco quando o viam chegar.

Bento começou a ensinar muitas coisas a Cuffee e, entre elas, como manter as galinhas fora do jardim. Cuffee logo aprendeu que não devia machucá-las, mas ficava feliz em lhes pregar um bom susto. Mas, elas logo se esqueciam do susto e voltavam, pois no jardim havia muitas coisas saborosas que elas gostavam de comer.

Os porquinhos logo descobriram um jeito de entrar no jardim também. Cuffee se divertia fazendo-os sair, enquanto a mamãe porca se lançava furiosa contra ele do outro lado da cerca. Imaginem a surpresa de Bento quando, um dia,

encontrou o porquinho nanico comendo o jantar de Cuffee enquanto este permanecia satisfeito, a seu lado.

- Venha ver o que Cuffee está fazendo, ele disse para Helena.

Helena achou aquilo tão estranho, que correu para chamar a mãe a fim de que ela visse também. Todos sabiam o quanto Cuffee gostava de sua comida e estranharam o fato dele deixar o porquinho nanico comê-la. Quando Mickey olhava somente para um de seus ossos, ele rosnavo furioso, mostrando-lhe os dentes. E aqui estava ele, todo feliz, dando todo o seu jantar ao porquinho nanico.

Isso mostra o que o amor pode fazer até mesmo para um cachorrinho. Cuffee aprendera a amar o porquinho nanico e por isso se tornou generoso. Todos os dias, a partir de então, o porquinho nanico atravessava a cerca para comer um pouquinho do jantar de Cuffee e, deste modo, logo começou a crescer. Em poucos meses estava grande e forte que suas costelas estavam cobertas por uma bela camada de gordura. Bento estava muito contente com Cuffee e quando vinham visitas, ele as levava sempre para ver Cuffee e seu amigo, o Porquinho Nanico.



COMPANHEIROS DE BRINCADEIRAS

PALAVRA-CHAVE: Lealdade

Bento e seu cachorro Cuffee divertiam-se muito brincando juntos! Cuffee era um bom companheiro de brincadeiras, pois estava sempre pronto para divertir-se. Aprendia muito depressa. Interessava-se por tudo que Bento lhe ensinava e aprendia sem perceber como o fazia; levantava a cabeça e virava as orelhas para o lado, ouvindo com atenção o que Bento dizia. Vocês não acham que ele fazia tudo isso porque gostava de Bento?

Deixou de brincar de caçar o próprio rabo, porque havia outras coisas melhores para ele fazer, por exemplo, jogar bola com Bento. Ficou tão bom nisso, que não só corria para pegar a bola, mas apanhava-a no salto, errando apenas uma em cada seis vezes. Era um cachorrinho muito inteligente, não acham? Mas, como odiava ter que entregar a bola! Segurava-a com a boca, com tanta força, que era de se admirar como seus dentes não faziam buracos nela. Depois, olhava para Bento, com aqueles seus grandes olhos marrons, como dizendo: “Por favor, Bento, não quer me deixar ficar com ela? É minha agora, eu a peguei”. Mas, quando Bento lhe tirava a bola não perdia o bom humor, latia como se estivesse conformado e falasse: “Está bem Bento. Não me importo nem um pouquinho”. Não era uma atitude bem mais simpática do que ficar zangado ou emburrado?

Naturalmente Cuffee caiu em muitas enrascadas. Um dia, ganhou um belo osso e, depois de procurar um pouco, encontrou um bom lugar para enterrá-lo. Vocês já viram um cachorro enterrar um osso? Ele cava um buraco com as patas e deixa cair o osso dentro. Em seguida, usa o nariz como pá e cobre todo o osso com a terra. Quando Papai foi ao jardim para ver como estavam crescendo seus feijões, encontrou várias plantinhas arrancadas, quebradas ou cobertas com terra. Mas, ele não ralhou com Cuffee, pois evidentemente ele não sabia o que estava fazendo.

Com o passar dos meses, Cuffee tornou-se maior e mais forte e, na verdade, tão bonito que todos o admiravam. Tornou-se cada vez menos travesso e até o gato

Mickey ficou amigo dele, perdoando-lhe as maldades do passado.

Bento e seu pai fizeram um arreio para Cuffee aprender a puxar um carrinho.

Cuffee não gostou muito da ideia, a princípio, porque se enroscava todo nos arreios quando se sentava e, quando corria, era muito desagradável ter algo rodando atrás e fazendo tanto barulho. Mas, logo se acostumou e Bento e Elena deram ótimos passeios com ele. Quando a mãe viu como Cuffee estava forte e como tinha boa vontade em puxar o carrinho perguntou ao pai se Cuffee poderia ajudá-la a bater creme para fazer manteiga. Papai arranhou uma roda movida a passos, de modo que, à medida que Cuffee andava na correia ligada à roda, fazia girar a bateadeira. Cuffee não se opôs a ser atrelado à bateadeira, mas quando descobriu que não podia correr com ela, não gostou nem um pouco, pois o trabalho era muito cansativo e não tinha graça nenhuma. Mas, como havia aprendido a ser obediente, mesmo que não fosse agradável, fazia sua obrigação, batendo manteiga todas as semanas.

Não é de se admirar que Bento amasse Cuffee, não era? Todos amariam um cachorro assim. Devemos nos lembrar de que a generosidade e o amor ajudam tanto os cachorros como as pessoas a se tornarem nobres, leais e boas.



SENHORITA CARANGUEJO E O BESOURO MARINHO

PALAVRA-CHAVE: Discriminação

Era uma vez uma caranguejinha chamada Crusti. Morava em uma linda praia, onde havia centenas e centenas de outros caranguejinhos, como também besouros marinhos e outras minúsculas criaturas marinhas. Era um lugar encantador. Podia-se ver o oceano por quilômetros e quilômetros de distância. Em dias claros, se via ao longe grandes navios passando e, bem distante da praia, uma pequena ilha rochosa.

Crusti era só um bebê caranguejo. Ela não era maior do que uma unha de seu polegar. Isso é ser muito pequenininha, não é? Mas, embora fosse tão pequena, chegou o dia em que ela e seus irmãozinhos e primos tiveram que tomar conta de si mesmos e conseguir suas próprias refeições, porque todos os papai e as mamãe caranguejos tinham ido de férias para a ilha rochosa. Lá, a água era fria e funda e, quando o vento do norte soprava, grandes ondas rugiam e se lançavam sobre os rochedos. Era um lugar perigoso demais para os bebês caranguejos e foi essa a razão de terem sido deixados para trás, em suas casinhas na praia.

Vocês já viram uma casinha de caranguejo? É muito diferente das nossas. Os pisos são de areia úmida e fofa e as paredes também são de areia e muito leves. As casinhas não têm janelas nem portas. Quando um caranguejinho quer entrar ou sair, somente precisa fazer um buraco na parede e passar por ele. O teto é a única parte sólida da casa. Consiste em uma pedra lisa e achatada sobre a areia. Talvez alguns de vocês já tenham visto estas casas. Geralmente ficam ao longo da beirada da água. Se alguma vez um de vocês viesse a pegar uma dessas pedras, que é o teto de uma casa de caranguejo, que comoção teria provocado. Todos os caranguejinhos e os besouros marinhos fugiriam o mais rapidamente possível para se esconderem em uma casa vizinha. Pensem vocês também: não levariam um susto se um gigante enorme

aparecesse e lhes tirasse o teto da casa? Vocês não correriam para se esconder?

A pequena Crusti tinha muitos amigos. Era realmente uma caranguejinha muito esperta. Ela podia correr de lado e para trás também. Seu amigo predileto era um grande besouro marinho preto. Era tão preto e brilhante como um botão de sapato e tinha maneiras educadas. Em verdade, pertencia a uma família nobre e muito antiga de besouros marinhos. Gostava muito de Crusti e os dois costumavam comer juntos todos os dias na Poça da Alga Marinha.

Um dia, quando a sineta de conchas do mar tiniu, Crusti não apareceu. O besouro marinho esperou, esperou e ela não veio. Apesar de estar com muita fome não pensava em começar a comer até que sua amiguinha chegasse. Era um cavalheiro muito educado! Quando já estava ficando realmente alarmado, viu-a correr em sua direção. Imediatamente ofereceu-lhe o braço e conduziu-a para um canto calmo onde o jantar os aguardava. Crusti não conseguiu comer nada e quando lhe foi perguntado o motivo, quase chorou. E teria chorado se não fosse uma caranguejinha valente, que sabia que chorar era tolice. Disse ao besouro que havia decidido lançar-se ao mar e ir para a ilha rochosa.

O pobre besouro ficou muito transtornado. Ficou muito pálido e também não conseguiu comer. Na verdade, sentiu-se tão mal que uma lágrima rolou pelo seu nariz, mas limpou-a rapidamente com uma de suas antenas, pois não queria que Crusti o visse chorar. Sabia que, apesar de ser um bebê caranguejo, Crusti tinha “opinião própria” e gostava de fazer o que queria. Portanto, se ela tinha decidido ir para o mar, ele não poderia impedi-la.

Só que não podia suportar a ideia de perder sua companheirinha e, então, lhe pediu que ficasse. Entretanto, ela decidiu que estaria mais segura nas águas profundas.

- Você não imagina que experiência terrível tive esta manhã, disse Crusti, se soubesse não me pediria para ficar.

- Conte-me, pediu o besouro.

- Ouça bem, eu lhe contarei tudinho, disse ela. Esta manhã estava me divertindo, brincando com os peixes-lua em sua poça, quando o chão começou a sacudir e a tremer. Não sabia qual era a causa, talvez um tremor de terra e isto me fez sentir tonta. Nesse instante, duas criaturas enormes, espirrando água para todos os lados, apareceram ali onde eu estava. Que coisas bem estranhas elas eram! As cabeças eram esticadas para cima de um jeito ridículo e tinham só duas pernas para andar. Imagine ter só duas pernas, acrescentou com desdém. Eu morreria mortificada se eu tivesse somente duas pernas, e olhou cheia de admiração para suas próprias e bonitas dez pernas.

O besouro empertigou-se todo com um estalo das mandíbulas, declarando que, se Crusti lhe contasse quem eram essas criaturas, ele iria imediatamente e as beliscaria bem e rudemente. Estava realmente disposto a isso.

Crusti, porém, não sabia quem ou o que eram.

- Você não acha que poderiam ser gigantes? Perguntou ela.

O besouro tocou de leve sua orelha esquerda com uma de suas pernas tortas, uma atitude habitual que o ajudava a pensar.

- Mas isso não foi o pior que aconteceu, continuou Crusti. Quando corria para me esconder nas algas-marinhas, passei sobre um pé enorme que estava no meu caminho e você deveria ter escutado o grito horrível que a criatura deu. Era simplesmente aterrorizante. Então, a outra criatura correu para mim, colocando um de seus pés na água e tentou me agarrar. Oh, fiquei com tanto medo! Perseguiu-me tanto, que fiquei tão cansada que já não aguentava mais correr; finalmente me agarrou e me colocou numa latinha suja. Era tão quente e abafado lá dentro que quase morri. Se o vento não tivesse virado a lata, tenho certeza que não teria condições de escapar. Então, escondi-me sob uma pedra até que as criaturas se fossem. Foi por isso que me atrasei para o jantar e

decidi ir para o mar. Mas, diga-me, você tem alguma ideia quem são essas criaturas?

O besouro pensou intensamente por alguns minutos e respondeu um pouco indeciso:

- Estou imaginando que talvez sejam Doroti e Jaque.

- Sim, sim, gritou Crusti, toda excitada. Lembro-me que foi assim que se chamaram.

- Mas, Doroti e Jaque são seres humanos – pessoa, você sabe.

- São? indagou Crusti. Já ouvi falar nas raças humanas. Elas são coisas muito malvadas, não são?

- Não, eu não diria isso, respondeu o besouro.

- Ora, de certo que são, declarou Crusti com indignação. Por que me pegaram então, se não são maus? Minha tia Bengala de Caranguejo bem que me avisou para ter cuidado com eles. Disse-me que, se alguém aparecesse eu deveria me esconder rápido como um relâmpago, para que não me pegassem e cozinhassem para o jantar.

- Não acho que Doroti ou Jaque fossem capazes disso, comentou o besouro. Só as pessoas que não sabem nada melhor para fazer, é que fazem esse tipo de coisa. Tenho certeza de que não tinham intenção de serem cruéis com você. Bem sabe que as pessoas frequentemente fazem coisas sem pensar. Pode ser que tivessem aprendido que você era uma irmãzinha mais jovem deles e estivessem ansiosos por conhecê-la. Talvez não tivessem intenção de ser grosseiros ou fazer-lhe algum mal.

- Bem, disse Crusti, se eles são meus irmãos e irmãs, acho que seria melhor perdoá-los desta vez, e aguardarei mais um pouco antes de ir morar na ilha. Mas, espero que alguém ensine Doroti e Jaque, e também a todos os outros

garotinhos e garotinhas, que não está certo perseguir caranguejinhos ou colocá-los em latinhas sujas, mesmo quando só quiserem fazer amizade..



A ROSA BRANCA

PALAVRA-CHAVE: Pureza

Na casa branca enorme que ficava bem longe da estrada havia grande excitação. Movimento e alvoroço - todo mundo estava ocupado com os preparativos de um casamento. Oh, que maravilha!

Fora, no jardim, a alegria era a mesma. As flores, erguendo suas cabeças, balançavam-se com a suave brisa do verão. As rosas estavam especialmente excitadas.

Então, chegou o jardineiro, colheu-as e colocou-as cuidadosamente em uma cesta e levou-as para dentro da grande casa.

Jovens saíram de dentro da casa cantando docemente e falando baixinho e juntaram carinhosamente as rosas brancas para o buquê da noiva. Oh, como as rosas estavam emocionadas e contentes! Estavam esperando por aquele momento durante toda sua vida, ansiosamente. Logo depois, as rosas vermelhas foram colhidas e tudo ficou em silêncio no jardim.

Escondida na grama, uma florzinha azul sentiu algo diferente e ouviu um som como de um suspiro. Olhou para cima e viu, sozinha, uma linda rosa branca; a mais bela rosa que já vira. O suave vento do sul também ouvira o suspiro e sussurrou:

- Que aconteceu, rosa branca?

- Oh, meu Deus, como puderam esquecer-se de mim, disse a rosa chorando.

Então, a florzinha azul disse:

- Virão buscá-la logo, pois você é uma flor maravilhosa. Porém, eu sou tão minúscula que ninguém me vê, e por isso é que sou chamada de “Não-te-esqueças-de-mim”.

Na fragrância do jardim, tudo era paz, e a linda rosa esperou com paciência. Pouco depois, apareceu uma graciosa pomba branca que vivia no jardim, a qual arrulhou ternamente para ela. As abelhas zumbiram alegres ao redor dela, e as borboletas voavam rapidamente de um lado para outro. Um bondoso Espírito da Natureza, um beija-flor, empoleirou-se num galhinho do qual podia ver e proteger a rosa. Às vezes, os amados Espíritos da Natureza parecem-se com beija-flores e ficam onde possam vigiar as flores escolhidas para uma missão especial.

O Sol já havia se posto, e tudo estava tranquilo no jardim, quando se ouviu um farfalhar de saia e uma moça parou em frente à rosa.

- Que linda rosa! Exclamou ela. Que sorte eu tenho por encontrá-la! Como ninguém a viu antes?

E a moça colheu a rosa branca.

À noite, na terra onde os espíritos das flores estavam todos reunidos, chegou, como uma centelha de luz, o espírito da rosa branca. Todos os espíritos das flores ouviam, contendo o fôlego, o que ela contava sobre sua emocionante aventura.

- A moça encantadora que me colheu, levou-me ternamente para uma Capelinha. Ela levou-me pela nave da igreja e lá, sobre o altar, havia uma cruz branca; ela colocou-me justamente no centro da cruz. Ao meu redor estavam sete rosas vermelhas e a cruz apoiava-se em uma estrela dourada. Em volta da estrela estava um azul belíssimo - como o azul do céu. Tudo era paz e quietude e, então, ouviu-se uma música suave. Cores do arco-íris flutuavam ao redor do altar e a maravilhosa presença do Espírito de Cristo abençoou a cruz.

Uma voz disse:

- A cruz branca, pura, representa o Corpo do Auxiliar Invisível; e as rosas vermelhas o seu sangue purificado; a rosa branca simboliza o coração do Auxiliar Invisível e a estrela dourada representa a veste nupcial.

Então, o silêncio voltou e os Anjos e Arcanjos enviaram raios luminosos para a cruz. De repente, a força curadora do Grande Médico foi sentida! Quando tudo estava acabado, a moça encantadora voltou e delicadamente tirou-me da cruz e levou-me para longe, para uma casa em que havia lágrimas em olhos que deveriam estar alegres. Uma criancinha precisava de ajuda e ela me colocou no travesseiro, perto do rostinho bonito do bebê. Depois, a força vital do Grande Médico chegou com os Anjos; a criança sorriu e as lágrimas se foram. Não é maravilhoso? Depois disso, apressei-me em vir contar-lhes a verdadeira missão da rosa branca.

Vocês podem estar certos de que todos os espíritos das flores ficaram muito felizes com a experiência da rosa branca no Serviço de Cura da Capelinha.



GERDA E DERBI

PALAVRA-CHAVE: Serviço

Duas sementinhas estavam, lado a lado, no chão de um pequeno jardim entre as montanhas. Uma delas tinha a pele enrugada e tão esquisita. Seu nome era Gerda; ela era uma sementinha de chagas (N.R.: Planta da família das Tropeoláceas, também conhecida como agrião-do-méxico, agrião-grande-do-peru, agrião-maior-da-índia, capuchinha-de-flores-grandes, capuchinha-grande, chagas, flor-de-chagas, capucina, capuchinho, chagas-de-flores-grandes, chagas-da miúda, cinco-chagas, cochlearia-dos-jardins, coleária-dos-jardins, curculiare, flor-de-sangue, mastruço, mastruço-do-peru, nastúrcio, nastúrio, sapatinho-do-diabo). A outra se chamava Derbi e parecia uma bolinha redonda; ela era uma semente de ervilha de cheiro.

As duas pequeninas sementes olhavam para cima, querendo saber o que o céu azul sobre suas cabeças deveria ser. Ouviam os pássaros cantando suas canções na grande árvore do bordo (N.R.: tipo de árvore em climas frios que armazenam o açúcar em suas raízes antes do inverno, e a seiva, que se eleva no começo da primavera; no Canadá a extração da seiva do bordo canadense, gera o famoso xarope – maple syrup, um dos produtos mais conhecidos do país; a bandeira canadense tem uma folha dessa árvore) e sentiam-se tão sonolentas que se aconchegavam uma na outra no seio da Mãe Terra e adormeciam profundamente. Elas não tinham nada com que se cobrir, mas não se importavam, pois os dias eram quentes e, de qualquer modo, eram muito pequenas para pensarem nessas coisas. Mas, pouco a pouco, as noites tornavam-se cada vez mais frias, mais frias e as coitadinhas sementinhas, Gerda e Derbi, começaram a tremer e tremer. A Mãe Terra ficou com tanta pena delas, que perguntou à árvore de bordo se poderia dar a elas algumas de suas folhas para fazer um lençol para cobri-las.

A árvore de bordo olhou para baixo e viu as duas sementinhas tremendo enquanto dormiam e respondeu:

– Claro que sim!

Ela se sacudiu o quanto pôde, mas nenhuma folha caiu, porque todas estavam bem presas.

– Vou chamar o vento para me ajudar, adiantou ela.

Assim o fez, e o vento veio voando rápido. Então, a árvore de bordo pediu-lhe para soprar o mais forte que pudesse para derrubar suas folhas sobre as duas sementinhas.

O vento olhou para baixo e viu as duas sementinhas tremendo enquanto dormiam e disse que ficaria feliz em poder ajudá-las. E o vento soprou, soprou tanto que suas bochechas ficaram estufadas, mas não conseguiu mesmo derrubar as folhas para fazer a cobertura.

– Vou lhe dizer o que farei, disse o vento. Pedirei ao Jack Gelado para vir e ajudar-nos.

Então, ele voou até o Polo Norte, onde encontrou Jack Gelado cortando flocos de neve.

– Venha comigo, pediu. Há duas sementinhas que precisam de um cobertor para cobri-las ou morrerão de frio.

Quando Jack Gelado ouviu isso, pediu ao vento para apressar-se e lhe mostrasse onde estavam as sementinhas. Assim, eles voaram para o pequeno jardim no alto das montanhas, onde as sementinhas dormiam tremendo.

Quando Jack Gelado viu-as ali deitadas, tão pequenas e desprotegidas, tocou as folhas das árvores com seus dedos para soltá-las. Quando as folhas sentiram seu toque suave, algumas delas tornaram-se avermelhadas e outras em um bonito amarelo dourado. A árvore ficou muito bonita com aquelas

amorosas cores. Mas o mais importante é que ela estava desejando dar suas folhas para esquentar as pequenas Gerda e Derbi.

O vento brincou entre os galhos e derrubou as folhas, que pareciam formar um lindo tapete. Elas caíram suavemente sobre as duas sementinhas, deixando-as bem agasalhadas e quentinhas. Ali, elas dormiram durante todos os dias frios do inverno, enquanto do lado de fora chovia e nevava. Que longo e longo sono elas tiveram! Aos poucos, quando a primavera chegou e os pássaros voltaram a cantar, as sementinhas mexeram-se um pouco em seu sono. Elas sorriram também porque estavam sonhando com coisas bonitas que as fadas tinham sussurrado em seus ouvidos.

Um dia, Gerda acordou com uma voz que a chamava:

– Acorde, Gerda, acorde!

Ela esfregou os olhos; espiou através das folhas e viu o Sol sorrindo para ela. Esticou a cabeça e começou a espreguiçar-se.

Então, o Sol chamou Derbi:

– Acorde, doçura!

Quando Derbi ouviu a voz do Sol chamando-o e sentiu seus beijos quentes no rosto, começou a cantar.

Gerda e Derbi sabiam tudo sobre exercício de respiração e como vocês acham que elas o fizeram? Como vocês respiram? Com seus pulmões! Quem sabe onde Gerda e Derbi tinham seus pulmões? É realmente muito curioso, mas seus pulmões estavam nas suas folhas; portanto, elas respiravam pelas folhas, como fazem todas as plantas. É por isso que as plantas não crescem bem em lugar com muito pó. O pó as sufoca e elas não conseguem respirar bem, tornando-se fracas e doentes, como muitas pessoas que deixam de respirar bastante ar puro.

Gerda e Derbi cresceram viçosas e ambas deram muitas flores. As de Gerda eram vermelhas e brilhantes.

As de Derbi eram cor-de-rosa e violetas e tinham um doce perfume.

Quando alguma flor murchava, em seu lugar nascia uma minúscula semente bebê. Havia milhares de sementinhas em cada planta e cada uma delas precisava de bastante alimento. A pobre Gerda começou a murchar e ficar pálida, porque tinha de alimentar muitas sementinhas e não lhe sobrava tempo para si mesma. Derbi também estava cansada. Ela carregava seus bebês em graciosas vagens e, quando estas se retornaram duras e secas, abriam-se libertando as sementinhas.

Finalmente, lado a lado, Gerda e Derbi tornaram-se velhas e fracas. Tiveram, ambas, vida maravilhosa, alegrando com suas flores todos os que por elas passavam. Cuidaram muito bem de seus bebês sementes. Mas, estavam agora tão fracas, que quase não podiam aderir-se à cerca, agarrando alegremente como faziam quando eram jovens e fortes. Com surpresa, ouviram uma voz suave dirigindo-lhes a palavra. Era a Mãe Terra chamando-as para o lar:

– Vocês foram boas e leais, minhas filhas. Voltem para o lar para descansar.

Gerda e Derbi afundaram-se felizes, lado a lado, no colo da Mãe Terra, que lhes cantou uma suave canção de ninar.



OS PINTARROXOS E O ABETO – PARTE I

PALAVRA-CHAVE: Parceria

Esta é a história de um menino chamado João, que era sempre tão bom e generoso para os animais, flores e plantas que os Espíritos da Natureza gostavam de conversar com ele.

Um dia, João estava deitado em um parque, sobre a sombra de um grande Abeto (N.T.: Nome comum às árvores do gênero *Abies*, de folhagem perene, de porte alto e aparência típica e atraente; apreciadas por sua madeira e resina), ouvindo o vento que sussurrava e que balançava os galhos de lá para cá. De repente, oh! Ouviu vozes muito doces falando. Olhando para a árvore de onde as vozes vinham, ele viu duas lindas criaturas. Uma era mais esguia e maior que a outra. A maior tinha a cabeça e os ombros como a de um ser humano. Raios dourados saíam de seus ombros e tinham a forma de asas. Seu rosto era bonito e tinha um doce sorriso. Ela também tinha cabelos longos e ondulados que a cobriam como um manto. Era jovem e muito bonita. João sabia que ela era o Espírito do Abeto.

A outra era um Espírito do Ar. Era de pequena estatura, mas também muito bonita. Raios dourados e rosados saíam de todo o seu corpo. Ela levantou sua varinha de condão, quase do tamanho de seu antebraço, e acenou-a para João. Então, inclinou-se, graciosamente, para ele e continuou falando com o Espírito da Árvore.

O menino ouviu o Espírito da Árvore dizer:

- Tenho feito o melhor que posso para servir com amor desde que comecei a crescer aqui. Espalhei bastante meus galhos para que as crianças e os adultos, que vêm descansar em baixo deles, possam ter uma boa sombra. E os fiz tão densos que muitos passarinhos fazem seus ninhos neles todos os anos, o que os protege do vento e da chuva.

- Oh, sim, respondeu o Espírito do Ar, eu sei disso, pois quando nós, Sífides, soprámos os ventos do norte, sul, leste e oeste, os pássaros estavam tão abrigados que nunca caíram de seus ninhos. Mas, amiga, fiquei sabendo que você vai embora. Não se sente mais feliz?

- Oh! Estou muito feliz, disse o Espírito da Árvore, mas acho que não sirvo para mais nada, assim, para que continuar a viver? Vou morrer, mas acho que isto está chegando mais cedo do que esperava. Você vê, já faz muito tempo que não chove e as pessoas aqui ficam esperando pela chuva em vez de regar o chão e nos dar de beber. Elas deixam nossas raízes tão secas, que ficamos ressecadas e eu ficarei contente em voltar para casa, para o nosso Espírito-Grupo, e descansar. Algum dia eu voltarei e trabalharei um pouco mais.

- Bem, disse o Espírito do Ar, anime-se! Vou ver se posso marcar uma reunião com as ondinas e as sífides e conseguir uma chuva para aliviá-las. Darei uma atenção especial a seu caso e para as outras árvores do parque, junto à comissão e estou certo que logo vocês terão uma boa chuva.

- É tarde demais, suspirou o Espírito da Árvore, sei que vou morrer, sinto que algo está para acontecer.

- Tolice, disse o Espírito do Ar, você está é deprimida.

Enquanto discutiam sobre isso chegavam voando dois pequenos pintarroxos. Eram recém-casados e estavam em lua de mel. Enquanto todos os passarinhos convidados para o casamento se divertiam, brincando na fonte e comendo deliciosas e gordas minhocas que a mãe da noiva tinha preparado, os noivos saíram em silêncio para a lua de mel e estavam, agora, procurando uma boa árvore para fazer o seu ninho e um lugar para sua prole. Vendo nosso Abeto, logo pousaram nele. Estavam tão ocupados arrulhando e se acariciando que não ouviram a conversa do Espírito do Ar e do Espírito da Árvore.

O Espírito da Árvore os viu e teve pena deles e disse:

- Passarinhos, não façam seu ninho em meus galhos, pois não vou viver muito tempo; todo o seu trabalho será perdido e seus filhotes não serão suficientemente grandes para voarem quando chegar a hora de minha morte.

- Ora! Exclamou o noivo, que tolice. Seus galhos são belos, verdes e tão unidos, que este é o lugar ideal para construirmos um lar para nossos filhos. Estou disposto e posso pagar aluguel para minha esposa e minha futura família. Quanto é?

- Eu não quero nenhum aluguel, só estou avisando, disse o Espírito da Árvore. Se não querem aceitar o conselho de alguém muito mais velho, não posso fazer nada. Podem decidir sozinhos, mas não me culpem quando surgirem problemas.

- Muito obrigado pelo conselho, disse o noivo com petulância. Somos perfeitamente capazes de tomar conta de nós mesmos. E assim começaram a construir seu ninho no Abeto.

João viu e ouviu tudo. Correu para casa e contou para sua mãe. Ela, que sabia que ele via e conversava com os Espíritos da Natureza, disse:

- Você acha que os pintarroxos estão certos em construir um ninho no abeto depois de serem avisados do perigo pelo Espírito da Árvore?

- Não, mamãe, acho que estão errados, não estão usando o bom senso, disse João.

- Bem, querido, vamos esperar para ver o que acontece.

Em nossa próxima história contaremos o que aconteceu ao Abeto e aos pintarroxos.



OS PINTARROXOS E O ABETO – PARTE II

PALAVRA-CHAVE: Compartilhar

Todos os dias, João sentava sob o abeto e ficava vendo os pintarroxos fazerem seu ninho. Quando ficou pronto, a noivinha instalou-se lá e seu marido trouxe-lhe minhocas e outros bichinhos e colocou-os em sua boca.

O Espírito do Ar estava longe fazendo tudo que podia para que as ondinas e as sílfides fizessem chover, para que seu amigo abeto não morresse de sede. O abeto já tinha desistido de avisar o jovem casal para não fazer a casa em seus galhos; eles não lhe deram ouvidos.

Passado algum tempo, apareceram nos galhos do abeto alguns amigos dos pintarroxos. Vieram festejar o nascimento dos filhotinhos que logo iriam sair dos ovinhos e isso seria comemorado com muita alegria. Finalmente, os bebês chegaram, mas o papai passarinho não deixou ninguém se aproximar deles; ele ficou muito importante. Naturalmente tinha de arrumar comida para as quatro boquinhas e também para mamãe, pois ele não queria que ela saísse de perto dos filhotes. Quando finalmente ele permitiu que ela saísse do abeto, por pouco tempo que fosse ele a chamava o tempo todo, “piu, piu, piu”, até que voltasse.

Eles estavam todos tão felizes, que João pensou que o Espírito da Árvore talvez houvesse se enganado. Mas continuou indo lá todos os dias. Até que, um dia, o Espírito do Ar chegou apressado, a uma velocidade de 80 quilômetros por hora, dizendo para o Espírito da Árvore que a comissão de ondinas e sílfides tinham decidido mandar uma boa chuva, e que os gnomos também estavam se preparando para recebê-la. E acrescentou:

- Se as salamandras puderem juntar-se a nós, será ótimo.
- Quando virá à chuva? – perguntou o abeto.

- Oh - respondeu a líder das sílfides - quando a Lua estiver no Signo aquoso de Câncer. Ela durará alguns dias e você terá água suficiente para viver por muito tempo ainda.

E foi embora.

João ouviu o Espírito da Árvore perguntar aos pintarroxos sobre seus filhotes e dizer-lhes que haveria uma grande tempestade e que ela não queria que eles ficassem molhados. Mas o papai Pintarroxo apenas riu do Espírito do abeto; ele estava muito feliz e ocupado para prestar atenção.

Quando João chegou em casa, naquela noite, pediu à sua mãe que visse quando a Lua estaria no Signo de Câncer e contou a ela o que o Espírito do Ar havia dito. A mãe viu que a Lua estaria no Signo de Câncer dentro de dois dias. João estava muito agitado, principalmente na manhã do segundo dia, pois o Sol não brilhou e o céu estava nublado. Escurecia cada vez mais.

Algumas gotas enormes caíram para avisar que muito mais ainda viria e viam-se relâmpagos ao longe; as salamandras estavam entrando em ação. O vento estava cada vez mais forte, o céu cada vez mais escuro, com horríveis nuvens pretas e todos os pássaros tentavam chegar a seus ninhos antes da tempestade.

João viu que os pintarroxos e seus filhotes estavam encolhidos nos galhos do abeto e todos os pássaros estavam amontoados quando, de repente, se ouviu um forte trovão. Então, começou a chover e as árvores arqueavam-se quase até o chão. João não ousou esperar mais, pois prometera a sua mãe não ficar fora de casa durante a tempestade. Ele mal pode dormir naquela noite pensando nos pintarroxos. A tempestade continuou até a manhã do dia seguinte.

A primeira coisa que João fez, quando pôde sair de casa, foi correr ao parque. O chão estava coberto de galhos quebrados, os bueiros entupidos e as ruas inundadas. Adivinhem o que João viu? O grande abeto estava completamente desraizado e caído no chão. Empoleirados em um galho da árvore estavam os

pais pintarroxos, agarrados um ao outro, procurando por entre os galhos. Chamavam seus filhotes, “piu, piu, piu”, mas eles estavam afogados. Eram muito pequenos para voar, exatamente como supusera a bondosa árvore.

João ficou atento, mas não pôde ouvir nada, e deduziu que o Espírito do Abeto já tinha ido juntar-se ao Espírito-Grupo. Andou por entre os galhos caídos para ver se encontrava os filhotinhos. Eles estavam no chão, sob a árvore e João não podia alcançá-los. Ele correu para casa, contou para sua mãe tudo que tinha visto e chorou de pena dos passarinhos, da mãe e do pai pintarroxos que ficaram sós.

Vocês podem ver que é muito melhor ouvir os mais velhos, que são mais sábios, do que ouvir a nós mesmos, não acham? Se os pintarroxos recém-casados não tivessem sido tão insensatos, hoje estariam felizes com sua pequena família.

Em nossa próxima história, contaremos mais sobre João e o Espírito do Ar.



OS PINTARROXOS E O ABETO – PARTE III

PALAVRA-CHAVE: Equilíbrio

Nossa última história mostrou como os Espíritos do ar, da água e do fogo causaram uma tempestade tão forte, que o lindo abeto do parque foi totalmente arrancado e derrubado no chão. E ali ficou durante uma semana, antes de ser removido. João foi lá todo o dia para sentar-se sobre os galhos e não sob eles. Gostaria de ter enterrado os filhotinhos, mas não pôde pegá-los, pois havia muitos galhos pelo meio. Logo depois, percebeu que os pais pintarroxos tinham desistido de procurar seus bebês e começaram a construir um novo lar, em um galho grosso de uma trepadeira que subia em um muro.

Um dia, o Espírito do Ar apareceu, subitamente, à frente de João e sorrindo tristemente disse:

- Irmãozinho, todos nós erramos, não é? É assim que aprendemos nossas lições. Eu não sabia que as salamandras iriam lutar tanto e isso fez com que nós, sílfides, ficássemos tão ofendidas, que sopraram e sopraram com todas as forças que tínhamos. As ondinas também exageraram e encharcaram a terra. Então, em vez de ajudarmos nosso amigo abeto, nós só pioramos as coisas, nós o matamos; ele não pôde aguentar. Mas eu serei bem mais cuidadoso de agora em diante.

- Talvez tenha chegado a hora da sua amiga abeto morrer, disse João. Sabe que ela pressentiu que algo ia acontecer. Lembra-se de como ela avisou os pintarroxos para não construírem o ninho em seus galhos? Acho que queria ir, achava que já tinha feito todos os serviços de amor que veio para fazer.

- Pode ser João, mas eu aprendi uma lição e não repetirei o erro. Não deveria ter perdido a calma e ficado zangado com as salamandras, disse o Espírito do Ar.

- Mas veja como os pintarroxos esqueceram depressa os seus filhotes, disse João.

- Você sabe por quê? – perguntou o Espírito do Ar.

- Não. Diga-me, por favor.

- É porque mamãe pintarroxo está esperando mais bebês e eu ouvi dizer que eles são os mesmos bebês que voltaram para a mesma mãe e o mesmo pai. Eles morreram muito cedo! .

- Oh, que bom! É por isso que eles parecem tão felizes. Gostaria muito de encontrá-lo novamente, concluiu João.

- Claro que me encontrará. Nós, sílfides, nunca estamos longe de meninos como você, que sempre procuram auxiliar os outros.

João comentou: - Mamãe disse que a tempestade fez grandes estragos: os bueiros ficaram entupidos, a água entrou nas casas e nas lojas, estragando muita coisa. Foi muito difícil para os pobres que não têm muito dinheiro.

- Meu Deus, disse o Espírito do Ar, eu direi isso à nossa líder sílfide na próxima reunião. E prometo que seremos mais cuidadosos, não deixando que isso aconteça novamente.

- E eu tomei uma decisão, disse João. Ouvirei sempre os mais velhos; jamais agirei como os pintarroxos, que construíram seu ninho no abeto e perderam o seu lar e a família.

Enquanto eles conversavam; os jardineiros chegaram com machados para cortar os galhos do abeto antes de removê-lo. Era muito difícil para o Espírito do Ar ver seu amigo ser cortado e seus olhos encheram-se de lágrimas. Disse adeus a João e prometeu que o veria de novo. Então, acenou com a varinha de condão sobre sua cabeça e foi embora, voando.



O PIÃO CANTANTE

PALAVRA-CHAVE: Energia

Era um lindo dia – daqueles em que todos deveriam estar alegres e felizes. Nosso amiguinho Dino tinha começado assim o seu dia, quando uma pequena nuvem apareceu no céu dele. Ele não podia imaginar como aquilo tinha acontecido e estava realmente perplexo. Ele tinha intenção de ajudar Rosália – sim, ele queria realmente ajudá-la – mas, em vez disso, tinha quebrado o pião cantante dela. Isso é, tirou todo som dele, pois dando corda, esticando demais, a mola se rompeu. O pião rodaria, mas nunca mais cantaria.

Claro que Rosália estava muito triste vendo pião cantante dela inutilizado. Nenhum dos dois sabia o que fazer. Então Rosália começou a brincar com suas bonecas e tentou esquecer o pião. Dino andou sem rumo certo e foi para bem longe. Finalmente, cansou e jogou-se no chão sobre a grama verde. Ouviu um zumbido e olhou ao redor para ver de onde vinha. Adivinhem o que ele viu?

Mexendo-se de um lado para outro, lenta e atarefadamente entre os talos da grama, estavam minúsculos e verdes Espíritos da Natureza – as menores criaturas que ele já vira. Estavam muito ocupados, trançando-se de um lado para outro no meio da grama. Eram tão verdes quanto a grama – e minúsculos, do tamanho do polegar dele. Eles tinham pequenas asas, por isso se quisessem podiam voar até o topo da grama mais alta. Ao se movimentarem, tagarelavam alegremente e foi isso que Dino ouviu. Ele estava fascinado e observou aqueles minúsculos duendes verdes por um longo tempo, até que finalmente teve que voltar para casa.

No caminho, em volta dele, os pássaros, as flores, as árvores e toda a Natureza pareciam estar felizes e contentes. Ele sentiu que devia estar alegre também, então começou a assobiar enquanto ia pela estrada. Alguma coisa dentro dele parecia estar empurrando-o, mas não sabia o que era. Em pouco tempo, estava

de novo em casa e, então, lembrou-se do pião. O que ele deveria fazer? O que ele poderia fazer? Bem, decidiu perguntar a sua mãe, ela certamente saberia. Procurou-a por toda parte e finalmente encontrou-a no jardim.

Primeiro, contou-lhe sobre os minúsculos duendes, verdes como a grama e muito ocupados. Depois, falou sobre o pião cantante. Sua mãe sorriu e ouviu-o em silêncio. Quando ele terminou, ela disse:

– Dino, qual o seu verdadeiro nome?

Isso realmente surpreendeu Dino. Ele sorriu e respondeu:

– Ricardo, mas todos me chamam de Dino.

Então, sua mãe o surpreendeu novamente ao dizer que Ricardo significava coração rico, um bonito nome, mas muito difícil de estar à altura dele. E ela contou-lhe o que fez seu coração ser rico. Querem que eu conte?

– Bem, disse a mãe de Dino, do Grande Espírito de Vida que vive no Sol emana constantemente uma profunda força que nunca termina e que nos dá vontade de fazer coisas. Foi isso que fez os verdinhos Espíritos da Natureza trabalharem tanto na grama alta e era um pouquinho dessa força vital no seu coração, Dino, que o estava sempre incentivando a fazer as coisas. Essa força vital deu-lhe um coração rico, rico no amor que induz as boas ações. É exatamente como se uma vizinha dissesse: “Faça isso, faça isso!” E essa grande força vital está em todos os lugares – nas pedras, plantas, pássaros, animais, no vento e na eletricidade, em todas as coisas que vivem e se movimentam. Às vezes, continuou sua mãe, estamos tão cheios de energia, que exageramos. Foi o que aconteceu quando você deu corda no pião cantante. Seu coração rico o incentivou a fazer uma boa ação, mas você usou muita energia e seus dedos ficaram tão fortes que você deu muita corda e a delicada mola se quebrou. Quando a vizinha disser: “Faça isso, faça isso!” devemos esperar um pouquinho e provavelmente ouviremos outra voz dizer:

“Seja gentil, faça com amor”. Então, seremos sempre cuidadosos para não exagerarmos.

Sua mãe também lhe disse que tinha certeza de que se ele se lembrasse do seu coração rico, seria sempre guiado por esse amor que vem do seu interior.

Bem, vocês sabem, o rico coração de Dino estava cheio de vontade de fazer algo imediatamente e, naquela hora, essa vontade era de comprar um novo pião cantante para Rosália. O amor em seu rico coração sussurrou:

– Deixe Rosália dar corda sozinha. E ele deixou.

Agora, o novo pião canta sem parar. Não foi bonito da parte de Dino?



O MENINO QUE ESQUECIA

PALAVRA-CHAVE: Forças Secretas

Era uma vez um menininho alegre, cheio de vida e sempre bem-humorado. Todos os seus companheiros gostavam muito dele, pois podia contar as mais belas histórias de aventura e sabia muitas coisas interessantes sobre países longínquos, pessoas estranhas e Espíritos da Natureza, e também sobre muitas outras coisas que a maioria deles desconhecia.

No entanto, esse garotinho era muito esquecido. Parecia que nunca, nunca, conseguia lembrar-se das coisas.

Ele se atrasava para o café da manhã quase todos os dias e, quando finalmente chegava à mesa, tinha esquecido de pentear os cabelos, amarrar os sapatos, ou – bem – sempre esquecia de alguma coisa.

Saía para a escola e esquecia de levar todos os livros, ou ainda ia embora sem levar o lanche, e sempre esquecendo de fazer as coisas certas nas horas exatas.

Até a época em que esta história começa, sua querida mãe estava constantemente tomando conta do filhinho, chamando-o de volta para pegar os livros esquecidos, ou o que quer que fosse. Mas, em um dia memorável e como sempre, ele esqueceu algo muito importante, e nossa história é sobre isso.

Era um maravilhoso dia de sol quente, e o ar estava cheio de vida. Planejou-se um gostoso piquenique e todos estavam animadíssimos com esse feriado delicioso!

Como de costume, nosso amiguinho esqueceu de se vestir adequadamente, e ainda se atrasou para o café. E assim foi-se atrasando para tudo. Finalmente, a família cansada de esperar, saiu sem ele. Ao sair, sua mãe recomendou:

- Não se esqueça dos fósforos.

O alegre grupo saiu em direção ao bosque e enquanto caminhavam, comentaram sobre o esquecimento do menino.

Alguém disse:

- Que pena ele ser tão esquecido. Que se pode fazer?

Um outro ponderou:

- Se ele se esforçasse para lembrar ao invés de sempre esquecer, com certeza melhoraria.

Outro concluiu:

- É só uma questão de força de vontade. Qualquer coisa que você deseje fazer, você pode fazer se realmente o desejar.

Finalmente, nosso menininho saiu para o alegre passeio e, depois de já ter andado muito, lembrou-se dos fósforos. Virou-se e fez novamente todo o caminho de volta até sua casa. Isto tornou o passeio muito longo e ele estava bastante cansado quando chegou ao piquenique.

Sentiu-se um pouco envergonhado ao aproximar-se do alegre grupo; eles o importunaram, perguntando-lhe se tinha esquecido os fósforos.

- Ande logo, disse um do grupo.

- Estamos com fome e não pudemos acender o fogo até que você chegasse com os fósforos, censurou outro.

Da próxima vez, nós traremos os fósforos conosco, e não fará diferença nenhuma se você vier ou não.

Essa última observação realmente ofendeu o menino que sempre esquecia algo, e ele meditou a respeito disso o resto do dia. Mesmo assim, ajudou a juntar os gravetos. Então, um dos meninos disse:

- Agora, se você não esqueceu os fósforos, acenda o fogo.

Ele acendeu e sentou-se para ver as labaredas. No começo os gravetos queimavam lentamente, então houve um leve assobio, um som meio estalado e logo em seguida, uma minúscula voz disse:

- Bem, bem, não fique aí sentado, só olhando; dê-me mais papel se você quer que eu queime logo estes grandes galhos. Depressa, seja rápido ou morrerei antes!

O menino ficou surpreso, mas jogou um enorme pedaço de papel sobre os galhos. Estalos, estalos, os galhos crepitando e, então, surgiu uma esplêndida chama. Fascinado, o garoto olhou e olhou fixamente porque não podia acreditar em seus próprios olhos. Que era isto? O fogo teria vida? Sim, tinha! As faíscas estavam realmente vivas enquanto pulavam entre os gravetos.

- Ah, ah, disse a vizinha, você não teria fogo sem nós. Oh, nós acendemos fogos e os fazemos queimar, gritaram as faíscas vivas.

- Quem são vocês? Perguntou o menino.

- Você não sabe? Disseram as sinuosas coisinhas no fogo.

- Não, eu nunca tinha visto lagartixas no fogo, disse ele.

- *Lagartixas?* Disse o fogo zangado. É assim que você chama os Espíritos do Fogo? Lagartixas, ora essa! Nós somos as Salamandras, e você nunca em todo o extenso mundo poderia ter um fogo sem nós. Não ousaríamos esquecer de vir, e temos que ser pontuais, pois muita coisa depende de nós neste mundo. O grande Espírito do Sol manda-nos trabalhar no mundo, e nós temos um trabalho muito importante a fazer. Algumas salamandras vivem nas fogueiras como esta; outras vivem nos fornos, nas casas das pessoas; outras ainda, nos enormes fornos das usinas, e outros lugares como esses.

Então, as Salamandras riam e saltavam alto, cada vez mais alto e a vizinha continuou:

- Nós, Salamandras, só trabalhamos com o fogo e estamos sempre juntas, em grupos, guiadas pelos sábios Espíritos-Grupo que nos ensinam como fazer fogo e relâmpagos também. Mas, isto é um segredo, às vezes, por esquecimento ou travessura maliciosa de alguns de nós, alguma coisa sai errada e acontece uma explosão; algumas vezes até um vulcão soltará fogo, bem alto.

- É melhor chamar sua mãe, senão o fogo ficará muito quente para cozinhar, disse outra pequena voz.

Mas espere só um minuto, pois primeiro quero dizer-lhe algo mais! Se eu fosse você, garoto, pararia de esquecer agora mesmo. Não espere mais. Use sua força de vontade, sem vacilação. Diga para você mesmo, a partir de agora: “Eu quero me lembrar,” e vá em frente e lembre-se. Logo seu lembrador estará tão forte, que não saberá mais como esquecer.

- Que fogo animado! Disseram algumas das pessoas presentes.

- Sim, disse o nosso menino, e esse fogo me ensinou uma grande lição. A partir de agora, eu transformarei meu esquecimento em recordações e, se alguém de vocês precisar de alguma coisa, pode contar comigo.

E vocês, fiquem sabendo que em pouco tempo as pessoas diziam dele:

- Que menino simpático! Tão responsável, ele nunca esquece de nada!



A FAÍSCA INSATISFEITA

PALAVRA-CHAVE: Coragem

No fundo, bem no fundo da Terra, existem ricos leitos de carvão ou minas. Vocês sabiam disso, não é? Não sabiam? Bem, agora vocês sabem e algum dia aprenderão tudo sobre essas camadas de carvão, mas nossa história de hoje é sobre algo um pouco diferente.

Alguém que tem ouvidos muito aguçados ouviu certo dia uma conversa muito, muito interessante. Os gnomos que trabalham com o carvão estavam conversando com os raios do Sol. Vocês sabem, eles entendiam-se perfeitamente. Eis o que falou o Mais Sábio dos Gnomos:

- No fundo da Terra há uma faísca de luz insatisfeita, sempre dizendo: “Deixe-me sair! Estou cansada de ser prisioneira. Quero sair. Estou tão tolhida aqui neste carvão tão, tão negro! Deixe-me sair, por favor! Por favor! Não pertencço a este lugar porque sou uma faísca de luz. Por que tenho que ficar trancada no escuro? Oh, deixe-me sair! Quanto tempo mais terei que ficar aqui”?

Os raios do Sol dançavam e brincavam à volta de onde estava sentado o Mais Sábio dos Gnomos.

- Pare de dançar por um minuto, Alegre Raio de Sol, disse o Mais Sábio dos Gnomos a um dos raios mais alegres e animados. A Faísca deve ter algum parentesco com vocês. Vamos ver se pensamos em alguma maneira de ajudar essa pobre encerrada. Como vocês acham que uma faísca de luz conseguiu ficar dentro do leito do carvão? Mas já que está lá, talvez possamos tirá-la.

Alegre Raio de Sol, sempre tão brilhante disse:

- Sábio Gnomo, você não sabe que todas somos faíscas de luz do Grande Espírito do Sol, manifestadas em diferentes aspectos, maneiras e formas? Algumas faíscas, como os raios do Sol, brilham de dia, enquanto os raios lunares e o das estrelas brilham à noite. Algumas estão totalmente escondidas

dos olhos, nos corações dos seres humanos e nas flores; algumas escondidas nas pedras e rochas e sim, até mesmo no negro, negro carvão. Mas todas elas pertencem ao Grande Espírito do Sol. Sempre, sem falhar, quando o tempo certo chega, as faíscas são todas libertadas de seus esconderijos. Agora, Mais Sábio Gnomo, apresse-se, continuou o Alegre Raio de Sol, e conforte essa Faísca insatisfeita. Diga-lhe para ser um pouco mais paciente. Ela ficará escondida por algum tempo – talvez cem anos, ou por aí, mas isso não é muito tempo. Algum dia, o carvão será descoberto pelos seres humanos e trazido para a luz do dia, para fora da terra totalmente. Então, em algum dia de muito frio, o carvão se encontrará em um fogo maravilhoso, todo vermelho e brilhante, e de dentro dele sairá a Faísca. Ela voará diretamente para o Sol e estará junto com os outros raios outra vez e brilhará, brilhará, brilhará. Então, dançará com os raios do Sol nas árvores, nas flores, e será feliz e brilhante.

O Mais Sábio dos Gnomos achou que o plano do Alegre Raio de Sol era muito bom e concordou em fazer o que lhe fora sugerido.

Novamente, o Alegre Raio de Sol falou, murmurando muito baixinho:

- Por favor, Sábio Gnomo, diga também para a Faísca não ficar mais se lastimando, ela deve ser corajosa. Algum dia se libertará do negro, negro carvão e será uma linda faísca de luz. E diga-lhe que nunca se esqueça de que mesmo estando escondida no fundo da terra, ela é uma faísca de luz do Grande Espírito do Sol, o dador da luz e da vida.



O MENINO LAURO

PALAVRA-CHAVE: Oportunidade

Logo na esquina do enorme prédio de apartamentos onde moravam Dino e Rosalina, ficava uma antiquada casinha térrea. Ela tinha sido branca há muito, muito tempo atrás, pois agora era qualquer coisa menos branca, quando nossa história começou.

Dino e Rosalina nunca tinham notado aquela casinha estranha. De fato, eles não sabiam que ela estava ali, até que certa manhã o jornal não chegou. O pai de Dino parecia perdido de manhã sem o jornal e já estava saindo para comprar um, quando Dino disse:

- Por favor, papai, deixe-me ir.

E Dino saiu para comprar o jornal. Quando chegou à porta da frente, perguntou ao porteiro porque o jornal não tinha vindo.

- Bem, meu rapazinho, eu não sei, mas acho que deve ter havido algum tipo de problema na casinha da esquina.

Dino não estava interessado na casa da esquina, mas estava ansioso para conseguir um jornal para seu pai, por isso indagou:

- Você sabe onde eu posso conseguir um jornal da manhã?

- O entregador mora na casinha da esquina; você pode tentar lá. Não custa tentar.

Assim, Dino correu até lá para ver. Quando chegou, sem fôlego, ia bater na porta, mas parou rapidamente porque ouviu vozes.

- Lauro, meu filho, por favor, comece logo a entrega. Você pode perder sua freguesia se você não for e amanhã você estará contente por continuar a fazê-lo. Lauro, meu filho, você deve ir, ainda que seja só para agradar sua mãe.

- Não posso fazer isso, nem mesmo para agradá-la, querida mamãe. Tenho que me transformar em um homem, agora. Não posso continuar sendo entregador de jornais a vida toda. Preciso ter mais oportunidades.

- Oportunidades, querido? Esta é uma palavra estranha para um garotinho. Você sabe o que ela significa?

- Sei mamãe, significa que eu posso ser livre e ter a oportunidade de fazer grandes coisas.

- Você é um menino inteligente, Lauro e eu temos orgulho de você! Mas não acha que poderia aparecer uma oportunidade para um trabalho melhor que lhe dê liberdade, mesmo sendo entregador por mais algum tempo?

- Mas, mamãe como posso cuidar de você neste mundo, sendo apenas um entregador de jornal?

- Meu querido, é por aí que a *oportunidade* virá.

Se você continuar neste emprego por mais um tempo, ficará mais conhecido e seus fregueses vão encomendar revistas também. E aí não demorará muito para que possa até pintar a casa. Já pensei em tudo. Teremos a nossa casa limpa e bonita e logo estarei forte de novo.

Com as revistas e jornais, quem sabe, poderemos ter um verdadeiro negócio e você voltar para a escola.

- Oh, mamãe, eu realmente acredito que você tem razão. Você pensou em tudo. Eu queria uma *oportunidade*, mas não sabia como consegui-la depressa e ia jogar fora a única coisa que me daria liberdade e meios de progredir. Sim, mamãe, vou entregar meus jornais agora mesmo. Estou um pouco atrasado, mas é a primeira vez, e acho que meus fregueses vão me perdoar.

Saiu bem na hora em que Dino bateu na porta. Imaginem a surpresa de Dino quando Lauro a abriu. Ele mal podia acreditar que, à sua frente, estava Lúcio

Gordon, o aluno mais brilhante da classe, que desistira repentinamente de estudar. E pensar que ele nunca soubera que Lauro morava ali na esquina.

Bem, vocês podem imaginar que Dino contou a seu pai tudo sobre o menino Lauro e sua “oportunidade”. Toda a família, o pai, a mãe, Rosalina e Dino, decidiram ajudar Lauro a conseguir sua liberdade.

Um pouco mais tarde, a “casinha branca da esquina” conseguia a tão necessitada pintura, como Mamãe disse. Na janela havia flores coloridas e toda a casa era tão atraente que um dia chamou a atenção de um homem muito rico. Ele gostou tanto da casa que a comprou, pagando uma enorme quantia em dinheiro, suficiente para que Lauro e sua mãe tivessem várias e novas oportunidades, como também mais liberdade para Lauro estudar e se divertir.

Vocês vêem: é fazendo realmente bem e com amor as coisas que temos que fazer todos os dias, que surgem novas oportunidades, por isso, vamos fazer com toda a nossa força o que nossas mãos e as nossas mentes têm para fazer.



O AMADO

PALAVRA-CHAVE: Benevolência

Há muito tempo atrás – sim, há centenas de anos – era uma terra distante e em cima de uma montanha, vivia um homem que todos amavam. Vou contar-lhes algumas coisas que ele fazia.

Pode até parecer estranho, mas, embora tivesse uma linda casa e tudo que pudesse desejar, não pensava só no próprio prazer e conforto – não mesmo! Viajava muito e em todo o lugar que ia era sempre amado. Às vezes ele ia, inesperadamente, a uma cidade desconhecida, mas nem parecia um estranho e rapidamente fazia amigos. As pessoas queriam sempre a sua companhia e se alegravam com ele.

Tinha os olhos mais brilhantes que você já viu – cheios de luz, a verdadeira luz do amor. Você sabia que olhos são chamados, geralmente, de janelas – janelas da alma? Sim, realmente o são. Bem, sua alma era tão pura e brilhante que a luz do amor resplandecia em seus olhos. Por causa dessa amorosa luz, ele podia ver, a sua volta, às minúsculas criaturas que nós sabemos que vivem no ar, na água e na luz do Sol, embora não possamos vê-las; e ele também podia falar com elas. Elas sabiam que ele não lhes fazia mal, porque ele as amava e elas o amavam também. Elas tinham um entendimento secreto com ele e muitas, muitas vezes faziam trabalhinhos de amor e carinho por ele.

Quando essa Pessoa Amada viajava de uma cidade para outra, ele tinha seus olhos bem abertos para ver o que acontecia ao seu redor. Se alguém estivesse em apuros, logo estava pronto para ajudar. Seu coração amoroso era tão grande e bom que abrigava todo mundo, rico ou pobre, jovem ou velho, doente ou saudável, triste ou feliz. Havia amor suficiente para todos. Ele achava que todas as pessoas do mundo eram uma grande família de irmãos e irmãs.

Às vezes, ficava sentado por horas pensando, pensando, oh! que pensamentos lindos! Eram pensamentos de alegria e ajuda ao próximo. Ficava tão ansioso para compartilhar esses pensamentos com os outros, que eles voavam tão longe e rápidos, como pequenos pássaros de luz, e se alojavam na mente de outras pessoas boas.

Christian Rose Cross (Cristão Rosacruz) – era o nome da Pessoa Amada – formou ao seu redor um grupo de pessoas boas e amorosas, e cujo único desejo era ajudar seus irmãos e irmãs na grande escola da vida. Eles queriam ensinar e ajudar todos a compreender lições de amor, de paciência e de humildade. Logo, seus pensamentos amorosos chegaram muito longe e as pessoas começaram a falar das boas ações desse grupo de seres humanos. Aos poucos foram sendo chamados de Irmãos da Rosacruz e seu líder era Cristão Rosacruz, nosso Irmão Maior. Desde então, durante todas as centenas de anos, esses irmãos têm enviado alegria, amor e compaixão para todo o mundo.

Querem que eu conte a vocês sobre a Rosa e a Cruz?

Bem, a cruz representa seu corpo. Um dia, quando você estiver no Sol, abra os seus braços retamente e olhe para sua sombra; será uma cruz perfeita. Bem no centro da cruz está o seu coração, e bem no fundo dele está um pedacinho de Deus, que é como uma rosa branca. Se conservarmos nossos corações puros e brancos, algum dia algo maravilhoso vai nos acontecer, pois Cristo Jesus disse:

- “Abençoados sejam os puros de coração, pois eles verão a Deus”.

Vocês sabem que os Irmãos da Rosacruz só nos pedem que sejamos bons e amorosos para com toda gente e que só tenhamos e enviemos pensamentos bonitos? Quando transmitimos pensamentos que não são bonitos, o que vocês acham que acontece? Todos os dias esses bondosos Irmãos juntam os maus pensamentos de todo o mundo e, através do amor, transformam-nos em lindos

pensamentos de amor e compaixão, que enviam como doces mensagens de conforto e alegria para pessoas de todos os lugares.

Vamos honrar e reverenciar Cristão Rosacruz e auxiliá-lo e a nossos Irmãos Maiores da Rosacruz fazendo uma corrente de pensamentos amorosos que irão crescer e crescer, até que juntem todos os nossos corações no amor – uma corrente viva de corações tão brancos e puros como uma linda rosa branca.



A LINDA DEUSA
PALAVARA CHAVE: Aspiração

Era uma vez, há muitas e muitas centenas de anos, uma linda deusa. Porque ela era tão linda e seu coração tão amoroso, as mais lindas cores flutuavam a seu redor. Era chamada a Deusa da Dança. E vocês sabem que sua risada era tão borbulhante e com tão lindos tons, que realmente parecia música. Não era de admirar que todos amassem esta graciosa e linda deusa.

Uma noite, quando tudo estava em paz e em silêncio, a deusa foi ao jardim e, ao passear entre as flores, um esplendor, uma luz suave, espalhou-se toda ao seu redor. As delicadas cores do arco-íris pareciam flutuar no ar perfumado. A deusa começou a cantar. A melodia era suave e clara e atraía para ela todos os Espíritos da Natureza que moravam no jardim. Logo, as flores estavam se balançando agradavelmente na suave brisa da noite, e elas acenavam com prazer, umas para as outras. Rapidamente, difundiu-se a boa notícia de que haveria dança ao luar. As árvores ajudaram a espalhar a notícia também.

De repente, por entre as árvores, pôde ser vista uma Lua de prata no alto dos céus, emitindo uma suave luz branca.

Nos brilhantes raios lunares flutuavam os pequenos e ágeis espíritos das flores, todos em suas mais belas vestes.

Um encantador espírito da flor saiu de um lírio cantando:

– Eu sou a pureza do coração.

Saiu depois o espírito da margarida, balançando-se graciosamente, de um lado para o outro e cantando:

– Eu sou a inocência.

Lentamente, flutuando pacificamente ao redor do perfume da rosa, outro espírito de flor disse:

– Eu sou o amor, eu sou o amor. O amor é como uma rosa vermelha.

Depois, veio o espírito de uma flor de laranjeira, seguida timidamente pelo modesto espírito da violeta que, inclinando sua linda cabeça ao luar, murmurou:

– Eu sou a lealdade.

Ouviu-se um fraco ruído e todos pararam para ouvir o doce espírito de uma florzinha azul cantando:

– Não te esqueças de mim.

Havia dúzias e dúzias de outros espíritos de flores, todos cantando e dançando graciosamente ao som das melodias das fadas, no jardim encantado. Sinos suaves estavam tocando, chamando todos os Espíritos da Natureza. A música da floresta estava cada vez mais alta e, um a um, os ágeis espíritos começaram a dançar à luz do luar. Ao se moverem suave e delicadamente à luz prateada do luar, eles formavam um lindo quadro. Alguns dos espíritos se movimentavam para cima e para baixo; outros para frente e para trás, e outros iam em direção às árvores. Brilhando, com asas brancas, ao flutuarem no ar, eles pareciam uma névoa descendo para beijar as flores.

A Lua de prata sorria para o alegre grupo e, você sabe, alguns espíritos marotos riam também para ela. Ela gostou e continuou sorrindo. Era como se sua luz fosse ficando cada vez mais brilhante, enquanto os raios lunares se espalhavam cada vez mais pelo jardim.

Os ágeis espíritos das flores cantaram e dançaram, e foram felizes até bem depois da meia noite. Mas, ao final tinham de ir. Um a um, eles flutuavam graciosamente sobre a deusa, dizendo:

– Boa noite, linda deusa. Obrigado pela linda festa. Que seus sonhos sejam doces!

Então, todos entraram nas lindas formas de suas flores, todos ficaram em paz, e o silêncio voltou a reinar no jardim encantado, enquanto a Luz e as estrelas os guardavam, velando por eles.

